



Jacqueline Victoriense de Andrade Cunha

**Faça o que eu digo, não faça o que eu
faço: um estudo sobre a fidelidade nas
relações amorosas**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Março de 2015



Jacqueline Victoriense de Andrade Cunha

**Faça o que eu digo, não faça o que eu
faço: um estudo sobre a fidelidade nas
relações amorosas**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia
Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro
de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo
assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Célia Regina Henriques

CCE/PUC-Rio

Prof^a. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de março de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Jacqueline Victoriense de Andrade Cunha

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2010. Especializada em Gestalt-terapia pelo Centro de Gestalt-terapia Sandra Salomão em 2012. Especializada em Psicoterapia Reichiana pelo Núcleo de Psicoterapia Reichiana em 2013. Atua como psicóloga clínica no Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Cunha, Jacqueline Victoriense de Andrade

Faça o que eu digo, não faça o que eu faço: um estudo sobre a fidelidade nas relações amorosas / Jacqueline Victoriense de Andrade Cunha ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2015.

86 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Relação amorosa. 3. Fidelidade. 4. Infidelidade. 5. Ambiguidade. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À professora Terezinha Féres-Carneiro, pelo incentivo, confiança e carinho.

À professora Sandra Salomão, pelas oportunidades de crescimento e pela confiança com suas turmas.

Aos funcionários da PUC, pela disponibilidade em ajudar, sempre que preciso.

À CAPES, pelo auxílio concedido.

Aos participantes deste estudo, por terem compartilhado suas vivências e possibilitado a riqueza deste trabalho.

Aos meus amigos Wilson Amistade, Mônica Ferreira e Erikson de Oliveira, pelo apoio em diversas etapas do meu percurso como mestranda.

Aos meus colegas de profissão Iris Massena Gallagher, Anielle Cristine Farias Queiroz dos Santos, Luciana Jaramilo Caruzo e José Alfredo Taunay, por todo o companheirismo e ajuda prestada.

Aos meus familiares, pelo suporte em todo o meu percurso acadêmico e na vida.

Resumo

Cunha, Jacqueline Victoriense de Andrade; Féres-Carneiro, Terezinha. **Faça o que eu digo, não faça o que eu faço: um estudo sobre a fidelidade nas relações amorosas.** Rio de Janeiro, 2015. 86p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As relações amorosas são revestidas por diversos paradoxos, podendo ser encaradas como um dos maiores dilemas com os quais o ser humano precisa lidar. As ambiguidades existentes nas relações amorosas podem ser amplamente encontradas na temática da fidelidade e infidelidade. O presente estudo tem como objetivo geral investigar como os jovens adultos solteiros concebem e vivenciam a questão da fidelidade em seus relacionamentos amorosos. Para atingir esses objetivos, foram entrevistados dez jovens adultos solteiros, universitários, das camadas médias da população carioca, sendo cinco homens e cinco mulheres heterossexuais. Os sujeitos são independentes, e possuem entre 18 e 25 anos de idade. Foi utilizada uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas semi-estruturadas. Da análise das entrevistas, feita através do método de análise de conteúdo (Bardin, 2011), emergiram diversas categorias. Constatou-se que os sujeitos concebem as relações amorosas na atualidade como superficiais, passageiras, vazias e banais. Os mesmos consideram a fidelidade um aspecto fundamental da relação e esperam que seus parceiros sejam fiéis. Uma pessoa é reconhecida como fiel quando é transparente e sincera, e quando cumpre os acordos preestabelecidos com o parceiro. Alguns sujeitos destacam a existência de uma infidelidade consigo mesmos, e muitos têm dificuldades em estabelecer os limites entre o que é fidelidade ou infidelidade. Conclui-se que, apesar das diversas transformações sociais, a fidelidade continua sendo um aspecto fundamental dos relacionamentos amorosos e os jovens esperam que seus parceiros sejam fiéis. Ser fiel significa não somente manter a exclusividade sexual, como também a transparência, a honestidade e a sinceridade com o parceiro.

Palavras-chave

Relação amorosa; fidelidade; infidelidade; ambiguidade.

Abstract

Cunha, Jacqueline Victoriense de Andrade; Féres-Carneiro, Terezinha. (Advisor) **Do as I say, not as I do: a study on the fidelity in romantic relationships.** Rio de Janeiro, 2015. 86p. MSc. Dissertation - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Romantic relationships are characterized by several paradoxes and can be understood as one of the biggest dilemmas that human beings must deal with. Romantic relationships' ambiguities can be broadly found in the theme of fidelity and infidelity. This study aims to investigate the way young single adults conceive and experience fidelity in their romantic relationships. To this end, we interviewed five heterosexual men and women. The subjects of the study were middle class single college students living in Rio de Janeiro, between the ages of 18 and 25. Qualitative method and semi-structured interview (Bardin, 2011) were used. We found that the subjects conceive romantic relationships in the present as superficial, temporary, empty, and trivial. They also consider fidelity a pivotal trait in any relationship and expect fidelity from their partners. One is perceived to be faithful when he/she is transparent and sincere, and when pre-established agreements with the partner are met. Some subjects highlight that they are unfaithful to themselves, and many have difficulties in establishing boundaries between fidelity and infidelity. It was concluded that, despite the many social transformations, fidelity remains a key aspect of romantic relationships, and young people expect their partners to be faithful. Being faithful means not only maintain sexual exclusivity, as well as transparency, honest and sincerity with partner.

Keywords

Romantic relationships; fidelity; infidelity; ambiguity.

Sumário

1. Introdução	8
2. As relações amorosas entre os jovens no contexto social contemporâneo	12
2.1. A instabilidade das relações amorosas contemporâneas e a cultura consumista	12
2.2. Desejo, amor e sexualidade	16
2.3. O “ficar” e o namoro entre os jovens	22
3. A questão da fidelidade nos relacionamentos amorosos	27
3.1. Monogamia, casamento e novas possibilidades de se relacionar	27
3.2. Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas	35
4. Pesquisa de Campo	44
4.1. Participantes	44
4.2. Procedimentos	44
4.3. Instrumentos	44
4.4. Análise dos dados	44
4.5. Cuidados éticos	45
4.6. Análise e discussão dos dados	46
5. Considerações finais	77
6. Referências bibliográficas	79
7. Anexo I	85
8. Anexo II	86

1. Introdução

Nós, seres humanos, somos constituídos a partir das relações que estabelecemos desde o início de nossas vidas. Durante toda a nossa existência estamos iniciando, mantendo ou nos desfazendo de ligações, vínculos, relacionamentos. Mantemos relações com as outras pessoas, com o ambiente que nos cerca, com nossos próprios pensamentos, sentimentos, desejos. Estabelecemos relações familiares, profissionais, políticas, sociais, sexuais, amorosas. As relações amorosas podem ser encaradas como um dos maiores dilemas com os quais o ser humano precisa lidar (Bauman, 2003). Isto porque são as maiores fontes de prazer e sofrimento, de desejos e anseios, além de serem revestidas por diversos paradoxos.

Um dos grandes paradoxos dos relacionamentos amorosos da atualidade é que, apesar de os sentimentos estarem cada vez mais descartáveis e efêmeros, e de as relações estarem cada vez mais superficiais, existe uma enorme busca por segurança e estabilidade. Há um conflitante desejo de intensificar os laços e, ao mesmo tempo, deixá-los desprendidos (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009).

As ambiguidades existentes nas relações amorosas podem ser amplamente encontradas na temática da fidelidade e infidelidade. É possível afirmar que a questão da infidelidade é o tema mais contraditório do casamento, sendo ao mesmo tempo odiada e admirada (Costa, 2007). Os cônjuges valorizam a fidelidade e desejam que seus parceiros sejam fiéis, porém as traições e as relações extraconjugais continuam a acontecer, muitas vezes, por parte dos próprios sujeitos que esperam a fidelidade de seus companheiros (Goldenberg, 2013). Outro paradoxo é que, apesar de a infidelidade ser apontada por homens e mulheres como um dos principais conflitos vividos nos relacionamentos amorosos, o que, muitas vezes, presume mentir para o parceiro principal e omitir encontros extraconjugais, os mesmos exigem sinceridade, lealdade e franqueza absoluta de seus cônjuges. Isso demonstra a coexistência de valores mais tradicionais, como estabilidade, segurança e fidelidade, com valores mais

modernos, como liberdade, individualidade, experimentação e autonomia (Goldenberg, 2004).

Torna-se cada vez mais importante o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os estudos sobre questões relacionadas ao laço conjugal e às possíveis repercussões no bem-estar dos indivíduos (Albuquerque, 2009). Tendo em vista que o tema da fidelidade nos relacionamentos amorosos é repleto de ambivalências (Goldenberg, 2010), torna-se relevante uma pesquisa aprofundada sobre o mesmo. Apesar de a infidelidade ser entendida como uma das maiores dificuldades vividas por muitos casais, ainda existem poucos estudos científicos sobre o tema na área da Psicologia.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é investigar como os jovens adultos solteiros concebem e vivenciam a questão da fidelidade em seus relacionamentos amorosos. São objetivos específicos: analisar como os sujeitos descrevem suas próprias atitudes frente à questão da fidelidade; investigar o que os sujeitos esperam de seus parceiros diante do mesmo tema; compreender os motivos que levam um sujeito a ser infiel ou se manter fiel; e analisar os valores que estão associados ao conceito de fidelidade.

A ideia de elaborar a presente pesquisa surgiu a partir da minha participação no grupo de pesquisas coordenado pela doutora Terezinha Féres-Carneiro (PUC-Rio). O meu interesse sobre o tema surgiu especialmente a partir do trabalho realizado no projeto de pesquisa intitulado “Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade”, de 2007 a 2011. Dentre diversos temas abordados nessa pesquisa, as questões da fidelidade e da sexualidade fizeram parte das análises e despertaram bastante a minha atenção.

A pesquisa mencionada contemplou um estudo de campo com homens e mulheres heterossexuais e homossexuais, das camadas médias da população carioca, que vivenciavam um dentre os seguintes arranjos conjugais: ficar, namoro, noivado, casamento, união estável ou coabitação, casamento em casas separadas, recasamento e poliamor. Nas análises e discussão dos resultados desse

estudo, a infidelidade aparece como um desrespeito ao parceiro e a fidelidade é relacionada à confiança no outro. Além disso, a falta de fidelidade entre os parceiros surge espontaneamente na fala dos sujeitos, que a apontam como uma das dificuldades enfrentadas nas relações amorosas (Féres-Carneiro, Ziviani & Magalhães, 2011).

A partir desses resultados e de outras leituras e experiências ao longo do meu percurso clínico e acadêmico, decidi pesquisar sobre este tema no intuito de aprofundar o estudo sobre a questão da fidelidade, buscando analisar e compreender como as ambiguidades presentes nesse aspecto dos relacionamentos amorosos se apresentam na vivência dos jovens adultos.

Outro fator relevante que despertou a minha atenção foi o tabu geralmente associado à infidelidade, inclusive entre profissionais da área da Psicologia. Por um lado, é compreensível que existam fantasias e silêncios ao redor do tema, pelo fato de o mesmo envolver, muitas vezes, segredos, mentiras, sofrimento, dor. Por outro lado, por ser uma das grandes dificuldades nos relacionamentos amorosos, demanda estudos, inclusive, como suporte para a clínica individual, de casal e de família. Apesar de ser, em geral, um tema sobre o qual pouco se fala ou pouco se questiona, será que os jovens falam abertamente sobre a fidelidade e infidelidade? Será que dão exemplos pessoais a respeito desta temática?

Diante dessa proposta, visando a fundamentar teoricamente e apresentar uma pesquisa de campo, o presente estudo foi sistematizado e dividido em uma primeira parte teórica e uma segunda parte empírica, com a apresentação da pesquisa de campo.

No Capítulo 1, é discutida a temática das relações amorosas entre os jovens no contexto social contemporâneo. São examinadas a instabilidade e a imprevisibilidade dos relacionamentos amorosos em uma cultura individualista e consumista. São contemplados o amor e a sexualidade frente às diversas transformações sociais ocorridas e que se refletem na maneira como os jovens vivenciam as suas relações amorosas, levando em consideração o ficar e o namoro.

No Capítulo 2, as questões da fidelidade e da infidelidade são abordadas de forma aprofundada, perpassando por temas como ciúmes e monogamia. É válido ressaltar os estudos elaborados pela antropóloga Miriam Goldenberg, cujas pesquisas são utilizadas como um referencial de fundamental importância para o aprofundamento do presente trabalho.

No Capítulo 3, são apresentadas as análises e discussão dos resultados referentes às entrevistas realizadas com dez jovens adultos solteiros, sendo cinco rapazes e cinco moças das camadas médias da população carioca. Neste capítulo são analisados diversos eixos temáticos, como *as relações amorosas na atualidade, os conceitos de fidelidade e de infidelidade, os limites entre fidelidade e infidelidade, a importância da fidelidade, os motivos que levam à infidelidade, as possibilidades de amar/ gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, os ciúmes, os acordos relativos à fidelidade, as diferenças entre infidelidade sexual e amorosa, as possibilidades de perdoar uma traição, os sentimentos ao falar sobre o tema.*

No Capítulo 4, a dissertação é finalizada com as considerações finais, onde é ressaltado que a fidelidade não pode ser definida somente em termos de exclusividade sexual. A fidelidade também inclui outros aspectos que, não necessariamente, dizem respeito à questão sexual em si. Ser fiel inclui ser honesto com o outro, falar a verdade, não enganar o parceiro, ainda que tenha havido relações com um terceiro.

2.

As relações amorosas entre os jovens no contexto social contemporâneo

2.1.

A instabilidade das relações amorosas contemporâneas e a cultura consumista

As relações amorosas na atualidade estão cada vez mais instáveis, descartáveis e imprevisíveis. Bauman (2003) ressalta a transitoriedade dos tempos atuais e a efemeridade do amor contemporâneo, por ser um reflexo da era em que vivemos hoje. A era atual, chamada pelo autor de “modernidade líquida”, é caracterizada pela imprevisibilidade, confusão e fluidez nos relacionamentos afetivos, que tendem a ser descartáveis e, paradoxalmente, contêm o desejo de intensidade e permanência. Para o autor, estar em um relacionamento implica em uma incerteza permanente, em que o sujeito nunca terá garantia e segurança de ter feito a melhor escolha e no momento mais adequado.

Os relacionamentos amorosos são marcados pela ambivalência da busca por vínculos duradouros que possam trazer a sensação de segurança e, ao mesmo tempo, o desejo de manter esses vínculos frouxos, para garantir a liberdade e a possibilidade de experimentar e trocar (Albuquerque, 2009). Féres-Carneiro (1998) ressalta que o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: a individualidade e a conjugalidade. De um lado estão os ideais individualistas, os próprios desejos, que estimulam a autonomia, o crescimento e o desenvolvimento de cada um dos cônjuges. De outro lado está a necessidade de vivenciar a conjugalidade e a complementaridade que o outro é capaz de oferecer, incluindo os desejos e projetos em comum. Há uma fragilidade nos laços conjugais e, paradoxalmente, o desejo de intensidade e durabilidade nos mesmos (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009).

Até algumas décadas atrás, a constituição da família era orientada pelo modelo tradicional de família nuclear, caracterizado pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelo papel do homem como provedor e da mulher como responsável por cuidar do lar e dos filhos. Esse modelo foi se modificando e,

atualmente, há maior autonomia nas relações afetivas, na sexualidade, na reprodução e no trabalho (Zordan, Falcke & Wagner, 2009). Hoje, as relações são regidas por valores individualistas que influenciam a constituição e a manutenção das mesmas.

Singly (2004) discrimina cronologicamente dois períodos da família moderna, sendo o primeiro até os anos 1960, e o segundo a partir dos anos 1960. O primeiro período, denominado pelo autor de “primeira modernidade”, é caracterizado pela valorização da instituição do casamento e pela divisão de papéis entre os cônjuges, em que a mulher possui a função de cuidadora do lar e dos filhos, e o homem possui o papel de provedor. Nesse período, é dada importância ao grupo, e os adultos estão a serviço da família e das crianças.

Já na “segunda modernidade”, influenciada pelos movimentos feministas, que questionam o modelo da mulher como dona de casa adotado na primeira modernidade, há uma desestabilização da instituição matrimonial, e a referência à noção de chefe de família é abolida. A partir desse período, a família sofreu diversas transformações, como a diminuição do número de casamentos formais, o aumento da quantidade de casais que coabitam, o crescimento do número de divórcios e separações, o aumento do trabalho assalariado das mulheres, dentre outras. O casamento deixa de ser um marco do início da vida a dois e uma proteção, e a vida conjugal passa a ter uma fragilidade e uma instabilidade diferentes das existentes em outras épocas. Esse período foi marcado não somente pela entrada das mulheres no mercado de trabalho, mas também pelo surgimento dos métodos contraceptivos, pela busca por maior autonomia dos sujeitos e pela substituição do “amor romântico” por outras formas de amar características da nossa sociedade hoje (Singly, 2004).

Vivemos hoje sob a lógica do consumo, em que se busca a satisfação instantânea dos impulsos de comprar mercadorias. Esta mesma lógica se aplica às relações amorosas, já que os relacionamentos afetivos, assim como os produtos, devem ser consumidos para benefício próprio e devem ser descartados quando já não trouxerem mais satisfação, pois logo poderão ser substituídos por outro.

Dessa forma, as relações amorosas devem ser consumidas instantaneamente, sem a necessidade de qualquer preparação prolongada, e podem ser usadas apenas uma vez (Bauman, 2004).

“E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço” (p. 21).

McCracken (2003) afirma que o apetite consumista é constantemente alimentado em nossa sociedade, fazendo com que os indivíduos nunca se sintam saciados de consumir e sempre acreditem que ainda não possuem o suficiente. Para o autor, os bens de consumo são parte essencial do sistema ocidental, servem como ponte para cultivar esperanças e ideais de consumir algo distante e inalcançável, e funcionam como um meio de sempre renovar as expectativas consumistas.

O consumo surge como um modo ativo de relação com os objetos, com a coletividade, com o mundo, é uma forma de resposta global, que serve como base de todo o nosso sistema cultural (Baudrillard, 1929). Dessa forma, as experiências amorosas acontecem dentro da cultura consumista, sendo diretamente afetadas pela mesma. Os sujeitos sabem que há sempre a possibilidade de encontrar uma pessoa diferente para se relacionar, e acreditam que o próximo parceiro terá mais qualidades e irá trazer mais prazer para a relação do que o anterior. Há uma expectativa de que a próxima relação seja ainda melhor do que a vivida anteriormente. É comum que se acredite que “o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois” (Bauman, 2004, p.19).

Chaves (2003) afirma que as relações humanas podem ser entendidas como essencialmente utilitaristas, já que o outro se torna um instrumento ou um meio de acesso à autossatisfação. O relacionamento pode ser encarado como um

investimento e, portanto, como ocorre com qualquer outro investimento, há uma expectativa de que gere lucros. Para Bauman (2004), o lucro que se espera obter a partir de uma relação amorosa está relacionado, primeiramente, à segurança. Muitas vezes se assume um compromisso na expectativa de que se sintam mais seguros do que antes, quando não havia compromisso. Porém, segundo este autor, estar em uma relação compromissada não exclui a insegurança, e inclusive pode alimentar esse sentimento. Estar em uma relação por si só já traz uma incerteza permanente, deixando os envolvidos em um alerta constante.

O fato de cada sujeito possuir a liberdade de gerir a sua própria vida e fazer escolhas individuais contribui para a criação de um ambiente repleto de incertezas e inseguranças, marcos da vida subjetiva e das relações sociais contemporâneas (Chaves, 2003). A sociedade hoje flexibiliza normas e regras, deixando as concepções de certo e errado, permitido e proibido menos claras e menos rígidas, ou seja, mais provisórias, abrindo espaço para que cada indivíduo construa as suas próprias fronteiras e defina individualmente suas noções sobre o que é bom ou ruim. Além disso, os interesses individuais são preconizados e os indivíduos são responsabilizados pelo seu próprio bem-estar, que inclui diversos aspectos, como saúde, prazer, realização, sustentação (Chaves, 2003).

Lipovetsky (2005) pontua que o consumo deve ser compreendido como a causa da individualidade. Para o autor, a sociedade atravessa hoje um processo de personalização, ou seja, passa por uma nova organização social, em que desejos e escolhas privadas ganham cada vez mais força. O autor afirma que vivemos numa sociedade onde tudo é flexível, nada é fixo.

Os processos de produção e informação contemporâneos são marcados pela rápida velocidade, e as relações afetivas acompanham este ritmo acelerado. Esta aceleração provoca uma crescente flexibilização dos aspectos que envolvem a sexualidade. Dessa forma, nos dias de hoje, há maior rapidez no contato íntimo entre os parceiros.

2.2. Desejo, amor e sexualidade

Em meio às diversas transformações sociais que ocorreram ao longo dos séculos e diante do cenário atual, marcado pelo individualismo e consumismo, torna-se importante refletir a respeito do amor e da sexualidade. As transformações nas relações amorosas, aceleradas a partir dos anos sessenta, foram intensificadas pelas estruturas sociais atravessadas pela tecnologia midiática, pelo consumo e pela hegemonia capitalista, bem como pela explosão identitária contemporânea. Atualmente existe uma maior instabilidade no amor, maior valorização da sexualidade e liberação de práticas sexuais antes consideradas desviantes, além da predominância do individualismo, e das relações menos hierarquizadas (Ferreira; Adelman, 2007).

Giddens (1993) descreve diferentes formas de se relacionar e amar, levando em consideração as mudanças sociais e as transformações na intimidade dos indivíduos. O autor afirma que as mudanças ocorridas a partir do século XIX influenciaram a vida social como um todo e foram, em parte, provocadas pela ideia de romance, no sentido que o termo assumiu à época. Esse romance passou a ser uma forma de segurança psicológica, ao menos em princípio, para aqueles que eram por ele afetados, e vinculou pela primeira vez amor e liberdade.

O amor romântico surgiu como uma forte influência social, introduzindo um olhar voltado para a vida individual, sem necessariamente considerar os processos sociais mais amplos. No amor romântico, o amor sublime predomina sobre o ardor sexual, apesar de também abarcar a sexualidade. O outro passa a ser visto como alguém especial que poderá completar a vida de seu amado, com quem será criada uma história compartilhada (Giddens, 1993).

“O amor romântico, portanto, foi mais uma das grandes transformações na vida privada moderna, pois, juntou na mesma relação, o desejo sexual, o casamento e a família, antes dissociados. E, num sentido, foi libertador, pois, introduziu a atração singular, de indivíduo para indivíduo, onde antes só havia a vontade da sociedade.” (Ferreira; Adelman, 2007)

Singly (2004) ressalta a intensificação da focalização nas relações e nas necessidades afetivas como um marco da passagem da primeira para a segunda

modernidade. A lógica afetiva passa a fazer parte da instituição do casamento e as relações são valorizadas somente quando proporcionam satisfação a cada um dos membros da família. O crescimento dos territórios pessoais de cada um dos cônjuges já estava presente desde a primeira modernidade; o que se modifica na família da segunda modernidade são as justificativas da existência desses territórios e as possibilidades de negociá-los, já que a ideologia da autonomia se torna um argumento legítimo. É importante que cada pessoa que vivencia uma relação a dois demonstre que a busca pelo direito ao território pessoal não é uma tentativa de evitar o parceiro ou o espaço do casal, mas sim uma necessidade para a construção de si mesmo.

A busca por maior autonomia individual pode ser entendida como uma recusa em seguir antigos costumes e em desempenhar os papéis sociais determinados pelas gerações anteriores. Além de haver a procura por maior autonomia pessoal, há uma desvalorização dos elos de dependência em relação às instituições e às pessoas. Para Singly (2004), o “nós” deixa de ser tão importante, dando lugar ao “eu”, o que não indica o desaparecimento do grupo conjugal ou do grupo familiar. O relacionamento conjugal e a família servem de apoio para a construção da identidade pessoal. Dessa forma, instaura-se a ambivalência que, por um lado, traz a necessidade de estar com alguém que proporcione segurança e estabilidade e, por outro lado, há a valorização da independência e da autonomia pessoal.

Com a autonomia sexual e a emancipação feminina, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar e entrar em conflito com o relacionamento puro, que é o tipo de relacionamento em que existe igualdade emocional e sexual, e a pessoa entra na relação somente pela própria relação e pela satisfação que esta pode proporcionar. Esse tipo de relacionamento, característico da pós-modernidade, pode ser finalizado a qualquer momento por um dos parceiros (Giddens, 1993).

“O termo ‘relacionamento’, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Para esclarecer o que está em jogo aqui, podemos introduzir a expressão *relacionamento puro* para nos referirmos a este fenômeno.

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada um individualmente, para nela permanecerem.” (p. 68, grifos do autor)

O relacionamento puro possui como base o amor confluyente, que se caracteriza pela finitude do laço quando este deixa de ser vantajoso e pela igualdade entre os parceiros na doação e no recebimento emocional, indo contra as ideias de “único” e “para sempre” pertencentes ao amor romântico. O amor confluyente presume um modelo de relacionamento em que é fundamental conhecer o outro em suas peculiaridades. O amor se desenvolve somente com o desenvolvimento da intimidade, e quando o parceiro manifesta preocupações e necessidades em relação ao outro, estando vulnerável a ele. O casamento não é mais uma condição natural, e a sociedade divorciada e separada pode ser encarada como um efeito do amor confluyente, em que há uma busca pelo “relacionamento especial”, ao invés da “pessoa especial” (Giddens, 1993).

Giddens (1993) salienta que o amor romântico não foi, como muitos pensam, uma criação dos homens contra as mulheres com o intuito de iludi-las com sonhos impossíveis, e justifica que as mulheres desempenharam um papel muito importante na difusão da literatura romântica, seja lendo ou escrevendo e publicando romances, desde o início do século XIX. O surgimento da ideia do amor romântico se deve a um conjunto de fatores que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII, como a criação do lar, a modificação nas relações entre pais e filhos e a invenção da maternidade. As crianças passaram a ser vistas como vulneráveis e com a necessidade de uma atenção emocional, o que se deu por parte da mãe, que passou a ter maior controle sobre a criação dos filhos. Passou a haver uma idealização da mãe, o que propagou o amor romântico, já que alimentava diretamente alguns de seus valores.

“a promoção do amor tornou-se predominantemente tarefa das mulheres. As ideias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Mas o desenvolvimento de tais ideias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação.” (p.54)

É interessante analisar a evolução da “ideologia do amor” em nossa cultura. Apaixonar-se por uma pessoa que não se conhece ou se conhece pouco faz parte do mecanismo de idealização. Conforme descreve Jablonski (1998), “pode-se definir resumidamente a idealização como sendo um processo consciente ou inconsciente pelo qual um indivíduo superestima um aspecto ou atributo de outra pessoa” (p.77). A idealização do outro está presente no amor-paixão que, conforme descrito pelo autor possui uma série de ‘sintomas’, tais como a idealização do outro, o desejo de servir e ser servido, o desejo de partilhar emoções e experiências, intimidade, atração sexual, relativa falta de preocupação para com normas sociais, ‘pensamentos invasivos’. Os pensamentos invasivos são os que vêm à mente independentemente da vontade, e são relacionados à pessoa amada como, por exemplo, lembrar do seu sorriso, de momentos especiais, imaginar qual seria a opinião dela sobre determinado assunto, etc. À medida que o tempo passa e a relação amadurece, o amor-paixão vai se transformando em amor-companheiro, onde o companheirismo, a amizade e as vivências em comum prevalecem. O autor explica que muitas relações são desfeitas quando os parceiros percebem a mudança da paixão para o companheirismo, por acreditarem que o amor acabou. De acordo com Goldenberg (2013), além dos sentimentos de amor e paixão, a amizade é um dos aspectos que devem estar presentes no relacionamento amoroso. Porém, é importante equilibrar as doses de amor, paixão e amizade, e cuidar para que o excesso de amizade não torne a relação “deserotizada”, já que a amizade está associada à falta de sexo. A amizade dá ao indivíduo maior garantia da cumplicidade do parceiro, porém, traz consigo a morte do desejo sexual. É a existência da paixão que ajuda a evitar que o amor se transforme somente em amizade.

A cultura e a sociedade afetam a sexualidade, muito mais do que qualquer fator biológico, apesar de o mesmo também precisar ser considerado. Porém, no presente trabalho são enfatizadas as questões sociais e culturais que afetam as relações afetivas. As diferenças na vivência da sexualidade de uma cultura para a outra são imensas e, ainda dentro de uma mesma cultura, as necessidades individuais e a natureza das atividades sexuais são incontáveis. A questão da “normalidade” sexual pode ser vista como um fator intrínseco a cada cultura, que

nomeia o que é certo e errado em determinada época. O aspecto moral predomina e influencia a visão do que é correto ou não. Assim como na Idade Média a paixão entre os cônjuges era percebida como imoral pelos teólogos, hoje amor e sexo são aspectos fundamentais de um casamento, a ponto de ser aceitável o divórcio, caso eles não existam mais (Jablonski, 1998).

A partir dos anos 70, houve um aumento da liberdade sexual e da participação sexual das mulheres. As feministas reclamaram da prevalência dada ao prazer masculino, do controle por parte dos homens na vida sexual. Tal importância e controle masculinos resultam em maiores dificuldades sexuais por parte das mulheres, por exemplo, na dificuldade que muitas possuem em atingir o orgasmo.

Com as transformações, o sexo tornou-se mais igualitário e passou a existir maior preocupação dos homens com a satisfação sexual de suas esposas. Além disso, o sexo passou a ser visto como mais aceitável para ambos os gêneros, que passaram a usufruir de maior liberdade em termos de carícias preliminares e de posições durante o ato sexual (Jablonski, 1998). No amor confluyente, o prazer sexual recíproco tornou-se um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento (Giddens, 1993).

Outra mudança significativa no âmbito sexual foi a questão da virgindade das mulheres que, antigamente, casavam-se virgens. Na atualidade, a maior parte das mulheres solteiras não é mais virgem ou não pretende casar virgem, apesar de ainda serem. Estes dados revelam o aumento significativo nas experiências sexuais pré-maritais.

“Paralelamente à questão da liberação sexual, a emancipação feminina, por sua vez, tem levado a uma demanda de maior igualdade entre homens e mulheres quanto à livre expressão sexual e à diminuição gradativa dessa chamada “dupla moral”. E aqui a mulher se encontra em um momento particularmente difícil: não quer mais ser a subserviente passiva e assexuada, mas também não é ainda a mulher livre cantada em verso e prosa nos filmes, letras de música ou, de novo, na imagem popularizada que grandes jornais fazem de tais pequenos segmentos da zona sul do Rio de Janeiro.” (Jablonski, 1998, p. 122)

Parker (1991) pontua que a vida sexual possui seu caráter transformado, quando ocorre uma inversão, ao menos temporária, dos domínios entre o público e do privado. A casa tende a ser relacionada à feminilidade, aos valores familiares e aos limites que a sexualidade feminina deve respeitar, enquanto a rua tende a ser um espaço masculino, de liberdade sexual, que não deve ser habitado por mães e mulheres de família. Porém, a transformação se dá quando a liberdade sexual antes exclusiva das ruas invade o espaço recluso das casas. Portanto, na ideologia erótica, as distinções entre esses dois domínios se dissolve e as estruturas da vida diária são rearranjadas e relativizadas.

Reich (1959) coloca um questionamento acerca da exigência social da legalização da experiência amorosa através do casamento. O autor diferencia casamento formal de casamento real e acentua que o ato formal, a certidão de casamento não são realmente o casamento em si, mas que o laço estabelecido entre duas pessoas é o que caracteriza a relação natural. O autor propõe a visão de que o casamento compulsivo e indissolúvel possui uma função social e econômica e que o mesmo não presume a existência da relação sexual duradoura, mas somente garante a posição da mulher e dos filhos na sociedade. As necessidades sexuais tendem a se tornar duradouras, mas isso jamais ocorre de forma obrigatória.

“O casamento sob a forma actual compulsiva não é senão uma etapa na história da instituição do casamento em geral; é o resultado de um compromisso entre interesses econômicos e interesses sexuais. Os interesses sexuais não se reduzem, conforme sugerem muitos sexólogos conservadores, a relações sexuais com uma única pessoa por toda a vida e à procriação.” (Reich, p. 9)

Para o autor, as condições necessárias à relação sexual duradoura são a independência econômica da mulher, a educação dos filhos pela sociedade e a não interferência de interesses econômicos no casamento. Dessa forma, é possível entender que atualmente, com a mulher ganhando espaço no mercado de trabalho e ocupando os espaços sociais e não mais se limitando aos espaços privados, esta tendência da relação sexual duradoura ganha mais possibilidades de se efetuar. Afinal, como se relacionam os jovens atualmente?

2.3.

O “ficar” e o namoro entre os jovens

Conforme analisado nos capítulos anteriores, a família e o casamento sofreram grandes modificações e apresentam uma pluralidade de possibilidades de se configurar. Assim como o casamento, o namoro também passou por algumas mudanças, se comparado às regras e aos princípios básicos que prevaleciam em outras épocas. Apesar disso, ainda mantém suas características mais clássicas, principalmente em setores mais tradicionais da sociedade brasileira. De acordo com Henriques (2004), as relações amorosas dos jovens hoje são caracterizadas pela recusa à fixação e à formação de vínculos. Além do namoro, existe uma recente modalidade de relacionamento, bastante difundida entre os jovens, chamada “ficar”.

O ficar surgiu no início da década de 80 e vem se tornando cada vez mais comum, apesar de ainda não ser completamente assimilado e compreendido por todos, como já acontece com as formas mais tradicionais de relação, como o namoro, o noivado e o casamento. Uma das características principais do ficar é a falta de compromisso entre os parceiros e a busca do prazer através da sedução (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009)

O “ficar com” é uma forma de se relacionar bastante conhecida hoje e pode ser definido, especialmente para os jovens, como um sistema relacional, classificatório. Ele existe por si só, independentemente do namoro, da amizade ou de qualquer outra forma de vínculo (Chaves, 1993).

Almeida e Tracy (2003) definem o ficar como sendo essencialmente o beijar, que ocorre em encontros velozes e fugazes entre os jovens. O beijo possui uma condição intensa e simultânea de princípio e fim, ou seja, dar um beijo em outra pessoa, por exemplo, na *night*, não significa o início do ritual de um namoro ou de qualquer compromisso. O ficar aqui possui a dimensão da instantaneidade, ocorre de forma efêmera e seriada e tem uma intensidade volátil.

“Nos regimes que compõem as novas semióticas afetivas em torno do ‘ficar’, o beijo assume condição de performance, de intransitividade, fisicalidade, arma

corporal, descarga rápida da emoção. Princípio e fim. Ubiquidade do ato” (p.137).

Até algumas décadas atrás havia uma sequência, uma cadeia de acontecimentos claros e definidos, porém, no “ficar com”, um ato não implica em nenhum outro. Há uma quebra entre compromisso e prazer, pois o princípio fundamental do código “ficar com” é exatamente a falta de compromisso somada à possibilidade de se aproximar fisicamente do outro e obter prazer sem se comprometer. No ficar não existe a necessidade do conhecimento prévio da outra pessoa, nem mesmo que os “ficantes” se encontrem novamente (Chaves, 1993, 2001).

Almeida (2006) ressalta que uma das regras do “ficar” é a circulação permanente, a constante desterritorialização. Os rapazes e as moças precisam andar o tempo todo quando desejam ficar com alguém, não podem parar. Para Almeida e Tracy (2003), o ficar se desenvolve em um ritmo, velocidade e intensidade irrefreáveis.

Chaves (1993) afirma que existe uma variação de práticas, usos e tipo de “ficar com”. Portanto, apesar de o ficar ser vivido completamente desvinculado do estabelecimento de um compromisso, ele também pode servir para os adolescentes como um teste antes do namoro, ou seja, uma forma de se conhecerem e perceberem se existe afinidade, se há possibilidade de desenvolver o sentimento de amor e, posteriormente, iniciar um namoro (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). Justo (2005) confirma que o ficar pode ser um primeiro contato e um estágio que pode levar ao namoro, sendo uma etapa em que se busca maior conhecimento do parceiro. Assim, o ficar e a paquera se assemelham, no sentido de serem experiências breves e variadas que possuem o objetivo de conhecer melhor o outro. Apesar das semelhanças, a paquera envolve a troca de olhares, podendo levar a uma conversa mais íntima e reservada, enquanto o ficar envolve o contato físico, como beijos e carícias, podendo chegar à relação sexual.

Rossi (2003) denomina de *fast-food* essa nova modalidade de relacionamento, por ser uma relação utilitarista, sem responsabilidade com o outro, já que o mesmo se torna objeto de consumo. Assim, o indivíduo se torna

descartável, caso não atenda às expectativas. É comum que as pessoas se sintam invadidas por um sentimento de vazio causado por tal descartabilidade (Gallagher, 2013). Em pesquisa realizada por Chaves (1993), os entrevistados utilizam os termos “estranho”, “vazio”, “vulgar”, “chato”, “fugaz” e “fútil” para descreverem como se sentem após ficar.

Gomes (1992) observa em seu trabalho clínico o grande sofrimento vivido por pessoas que já se sentiram descartadas em suas relações afetivas. Devido ao fato de já terem passado pelas experiências de se relacionarem com parceiros pouco permanentes, os sujeitos têm medo de manter uma relação estável, por terem desesperança de que possam manter um vínculo duradouro. Apesar do medo, os mesmos revelam grande desejo de estabelecer uma relação estável.

O namoro, diferentemente do ficar, é entendido em nossa cultura como uma relação afetiva constante e duradoura, na qual existe o compromisso entre os parceiros. No namoro, existe um elo de ligação e a afetividade está sempre presente (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009). O namoro refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica, e pode ser caracterizado pela estabilidade do elo entre duas pessoas, o que é inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vá romper a relação. (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002).

Antes da revolução sexual, o namoro consistia em uma relação que antecedia o casamento, tendo uma duração relativamente curta e suas interações sendo controladas pelos pais (Bertoldo e Barbará, 2006). O namoro possuía uma função pré-nupcial, com regras bem definidas dentro de um padrão comumente aceito. De acordo com Jesus (2005), o namoro era constituído por encontros constantes, com diálogos, momentos de romance, carícias físicas, que se limitavam em beijos e abraços, e planos para o futuro.

O namoro sofreu diversas modificações, tendo os seus limites ampliados, em que os encontros passaram a acontecer sem a necessidade do consentimento dos pais. Hoje, as carícias íntimas e os atos pré-sexuais e sexuais são liberados (Jesus, 2005). Atualmente, o termo namoro abarca diversificadas formas de manter uma relação, porém há um consenso de que é uma relação pautada no

compromisso, na confiança e na intimidade, características do relacionamento puro descrito por Giddens.

Conforme citado anteriormente, para Justo (2005) o namoro é entendido hoje como a etapa seguinte ao "ficar". Porém, muitas vezes, essa etapa do namoro traz ao jovem o conflito entre a promessa de segurança, fidelidade, confiabilidade e durabilidade, e a promessa de independência, autonomia, realização e diversidade (Bertoldo e Barbará, 2006).

Colaço (2009) estudou a respeito das relações de namoro à distância entre jovens adultos, e considera que a crescente mobilidade na sociedade atual, juntamente com a necessidade de autonomia possibilitam o estabelecimento de relações românticas nas quais existe distância física entre os parceiros. Estes indivíduos que namoram à distância, quando comparados a namoros em que há proximidade física, apresentam maior tendência à intensa preocupação com a relação e com a disponibilidade e aceitação do parceiro, mantendo um desejo intenso de proximidade do (a) namorado (a).

Jesus (2005) realizou uma pesquisa com meninos e meninas adolescentes, em média com 15 anos de idade, com o objetivo de verificar se os mesmos possuem preferência por um relacionamento casual e momentâneo, como o ficar, ou por um relacionamento concreto e duradouro, como o namoro. Os resultados mostraram que todos os adolescentes que participaram da pesquisa acreditam que a preferência se dá pelo ficar. Tal escolha foi justificada por não aceitarem compromissos; por acreditarem ser melhor um relacionamento que não seja tão sério como o namoro; pela preferência em apenas curtir; por não se interessarem realmente por alguém; por motivos de traição; por falta de maturidade ou pelo prestígio social que o ficar desencadeia.

Os relacionamentos íntimos, incluindo o namoro, pressupõem a existência de identidades e representações sociais, que são compartilhadas através de comportamentos, normas e valores sociais. Estudo realizado por Bertoldo e Barbará (2006) com estudantes universitários buscou identificar a representação social e a particularização em função da identidade sexual e experiência com o

namoro. Os elementos da representação foram organizados em torno da noção de amizade descrita em termos de cumplicidade, confiança e amor. As moças evocaram elementos relacionados à confiança e afeto, enquanto os rapazes ressaltaram fatores ligados ao sexo. Houve uma distinção interessante, na medida em que as pessoas que namoravam no momento da pesquisa representaram o namoro como uma relação de amizade e aceitação, já os que haviam namorado no passado ressaltaram a questão da fidelidade e do compromisso.

3.

A questão da fidelidade nos relacionamentos amorosos

3.1.

Monogamia, casamento e novas possibilidades de se relacionar

A monogamia pode ser compreendida como um dilema humano. Freud já pontuava que o ser humano não é monogâmico por natureza, e que o sujeito monogâmico é o sujeito aculturado. Isto significa que o conceito de monogamia é um construto da sociedade, e o homem abre mão de sua natureza, em prol da civilização. Dessa forma, uma das imposições do processo civilizatório foi a determinação das regras restritivas da monogamia (Levy, 2012).

“Nessa época, [Freud] postula que a proibição da relação sexual fora do casamento monogâmico geraria inibições psíquicas. Questiona, ainda, se ‘a satisfação sexual legítima permitida’ poderia oferecer uma compensação aceitável pela renúncia a todas as outras satisfações e verifica que o homem civilizado troca uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (p. 153).

Singly (2004) afirma que a necessidade de segurança é intrínseca ao ser humano. O autor pontua que a segunda modernidade traz um princípio paradoxal, pois ao mesmo tempo em que há um progressivo crescimento da individualização, também há um aumento da necessidade de segurança dos indivíduos. É importante ressaltar que tal necessidade não vai contra a modernidade, e o que se modificou da primeira para a segunda modernidade foi que, nesta, passou a existir maior liberdade de escolha das modalidades de segurança.

A necessidade de obter segurança justifica o fato de os sujeitos hoje valorizarem a fidelidade, pois a exclusividade amorosa faz parte da demanda de segurança. Tal característica não diz respeito a uma adesão aos princípios morais ou jurídicos, mas a uma busca por reconhecimento da identidade pessoal. A utilidade da família está em ajudar cada membro a ser mais autônomo, pois, para que o indivíduo possa se emancipar – característica inerente ao processo de individualização –, é necessário que ele possua heranças, e é a partir dessas heranças que será possível uma diferenciação. O casamento pode ser visto como

uma via que possibilita a sensação de segurança, podendo ser entendido como um “algo a mais securitário”. Dessa forma, é possível afirmar que o casamento é desejado por muitos indivíduos por ser um meio de se obter uma parcela da sua necessidade de segurança atendida (Singly, 2004).

Pesquisa realizada pelo Datafolha (2007) revelou os fatores que homens e mulheres elegeram como os mais importantes para um casamento feliz. Os resultados mostraram que grande parte das mulheres e dos homens apontou a fidelidade como o quesito mais importante para a felicidade de um casamento. Neste mesmo estudo, o quesito “amor” também se destacou nas preferências femininas e masculinas, mas foi menos destacado do que a fidelidade. Jablonski (2011) realizou uma pesquisa indagando a homens e mulheres sobre o que eles pensam que faz durar um casamento. Nos resultados, os fatores mais indicados foram “confiança”, “respeito mútuo”, “companheirismo”, “amor” e “diálogo”. Comparativamente a estudos realizados em anos anteriores pelo próprio autor (Jablonski, 1993; 2003), ele ressalta que o item “confiança” subiu, enquanto o “amor” desceu na importância dada pelos entrevistados mediante a questão do que pode fazer durar um casamento. O autor conclui que a importância dada à fidelidade e à confiança reflete um temor da perda do (a) parceiro (a).

Estar em uma relação estável e compromissada pode oferecer ao sujeito uma sensação de proteção, porém, muitas vezes, também pode trazer uma sensação de estar preso e sufocado dentro da relação. Willi (1995) pontua que o casamento é, em sua definição, um compromisso que, se contrastado com a visão moderna a respeito do que é a obtenção de realização pessoal, pode ser encarado como “uma prisão, um amor forçado, formal e institucionalizado, que restringe o espaço evolutivo e obriga os cônjuges a levarem uma vida burguesa, caseira e chata” (p. 38). O grande dilema do casal atual é o tédio, que pode existir na relação de diferentes formas e por diferentes motivos: pela exigência de igualdade entre os parceiros; pelo excesso de consumo, em que o valor de cada um está no que se tem e não no que se é; pela exigência de dizer tudo ao outro e discutir a relação em excesso; e pelo tédio da “sexualidade feliz obrigatória” (Pedrozo, 2007). Os casais de hoje enfrentam o desafio do casamento, que é caracterizado

pela promessa de felicidade, de amor infindável e de uma sexualidade livre, que vão contra o casamento monogâmico e o fato de a paixão ser solúvel no tempo (Jablonski, 1998).

Levy (2012), citando Lemaire (2000), ressalta que o casal pode representar para os sujeitos uma forma defensiva de organização, principalmente quando o parceiro amoroso é escolhido de acordo com características que o sujeito não encontra em si próprio. “O caráter ‘duradouro’ do casamento e o pacto inconsciente que o mantém parecem ser uma garantia, ainda que ilusória, de que o recalcado será mantido” (p. 154). Há sujeitos que conseguem estabelecer uma relação de longa duração, enquanto para outros o casamento não dura muito tempo.

Kipnis (2003) se refere à cultura americana - e podemos traçar um paralelo com a cultura brasileira -, quando diz que a sociedade hoje é “programada” de maneira que desejo e compromisso parecem não coexistir bem. É comum que casamentos duradouros passem por uma perda significativa do desejo, sendo que a energia erótica é fundamental para o senso de vitalidade de cada pessoa. Esta autora afirma que o elo mais fraco deste modelo de relacionamento é o poder do desejo, já que este demanda liberdade, tende a quebrar barreiras e não aceita limitações. Mitchell (2002) também abarca a questão das dificuldades inerentes à tentativa de combinar desejo com amor duradouro, a unir o doméstico e o erótico em uma só pessoa. Refere-se ao fato de que, historicamente, na maior parte das culturas, havia uma separação entre essas duas instâncias. Para este autor “o romance prospera na novidade, no mistério e no perigo; ele se dispersa pela familiaridade. O amor duradouro é, portanto, uma contradição em termos” (p.27)

Willi (1995) cita o aumento do número de divórcios como uma possível demonstração de que a instituição do casamento não funciona mais. Kipnis (2003) argumenta que os fatos de os divórcios ocorrerem em grande número, e de a infidelidade continuar a crescer podem ser uma indicação de que a instituição do casamento não está cumprindo com suas promessas. Apesar disso, estudos desenvolvidos por Jablonski (2009; 2011) revelam que, ainda que exista uma

“crise do casamento”, os jovens parecem dispostos a se casar e a resolver os conflitos que poderão surgir dessa relação. Quando questionados sobre as vantagens do casamento, os sujeitos destacam questões relativas à intimidade, melhoria na sexualidade, maior possibilidade de estabilidade e segurança, e possibilidade de construir família e ter filhos em condições ideais.

Puget e Berenstein (1993) apresentam alguns parâmetros definitórios para o casal casado e, dentre eles, a tendência monogâmica, que pressupõe a ligação matrimonial com um único cônjuge. A tendência monogâmica deve ser entendida como classificatória e definitiva de uma marca simbólica, a da preferência. Assim, mesmo em culturas que permitem que se tenha mais de uma esposa ou marido, existe sempre um que está dotado da qualidade de único.

A vivência da tendência monogâmica pode se transformar em cerceante ou permanentemente insatisfatória para o ego, trazendo a sensação de aprisionamento. Uma alternativa para a tentativa de sair desse aprisionamento seria estabelecer um vínculo com alguém fora da relação, através dos casos extraconjugais (Donnamaria, Nascimento & Terzis, 2010).

Giddens (1993) compreende que a origem da monogamia é mais um padrão estabelecido por consenso do que um resíduo das normas tradicionais do casamento. Para ele, atualmente, há uma maior abertura para a discussão sobre a desistência da monogamia do que em outras épocas. Ao levar em consideração o mundo atual de relacionamento puro e sexualidade plástica, o autor acredita ser necessário reelaborar a monogamia, considerando o contexto de compromisso e de confiança. A monogamia se refere à exclusividade sexual como um critério da confiança, e não ao relacionamento em si. E a fidelidade não possui significado, exceto pela integridade presumida na confiança que se pode estabelecer em relação ao outro.

Reich (1959) ressalta que existe um moralismo monogâmico e traz o questionamento acerca da obrigatoriedade de se estabelecerem relações monogâmicas, já que as mesmas são, muitas vezes, burladas. O autor afirma que justamente na época em que a ideologia monogâmica floresce é que a

promiscuidade sexual se torna habitual, denominando promiscuidade aquela relação que não possui fundamentos emocionais e que tem um caráter “mercenário”. Para Reich, o fundamento da promiscuidade continuada e insatisfatória é o medo da ligação a um objeto sexual.

“Relações passageiras, frouxas, puramente sensuais, teriam que concorrer com relações permanentes. Do ponto de vista da economia sexual, a relação passageira apresenta desvantagens diante da relação sexual permanente, que justamente na sociedade de hoje podemos estudar muito bem. Pois, em nenhuma outra sociedade, a promiscuidade – emocionalmente rebaixada e sexual-economicamente invalidada pela mistura com interesses monetários – foi tão amplamente difundida e adotada como na idade da ideologia do casamento rigorosamente monogâmico” (p.152).

O autor acentua que as relações passageiras não possibilitam uma adaptação sensual entre os parceiros, nem uma plena satisfação sexual de forma tão completa quanto a que pode ocorrer em uma relação duradora. Dentre as vantagens da relação sexual duradora e satisfatória, está a possibilidade de o sujeito conseguir superar a constante e insistente busca por um companheiro adequado, deixando livre uma maior disponibilidade de tempo e energia para se dedicar à vida social como um todo. Apesar de pontuar algumas vantagens da relação duradora, Reich ressalta que a mesma não necessariamente será monogâmica, por não ser possível estabelecer normas neste âmbito. Portanto, é importante destacar que, quando o autor disserta a respeito das ligações duradoras, não considera ser possível delimitar previamente um período de tempo em que a relação deva durar.

Giddens (1993) afirma que a monogamia sempre esteve ligada ao padrão da dupla moral e, conseqüentemente, ao patriarcado. Entende-se por padrão da dupla moral quando é permitido aos homens terem maior liberdade sexual do que as mulheres.

“Isso foi chamado de dupla moral: a exigência de uma fidelidade estrita por parte da mulher e a aceitação de uma fidelidade relativa por parte do homem. Essa dupla moral, hoje tão vilipendiada, estava entretanto muito bem adaptada à cultura e às técnicas das sociedades anteriores à era industrial. (...) Hoje a mulher pode, muito mais facilmente que antes, seguir, por sua vez, essa dupla moral ou se deixar levar pelas suas paixões (Béjin, 1982, p. 187).

O padrão duplo ainda existe no cenário atual, mas Giddens (1993) salienta que as mulheres já não estão mais tolerantes às justificativas dos homens de possuírem necessidades de variedade sexual e, por isso, se envolverem em aventuras extraconjugais, conforme acontecia antigamente. Elas já se comportam hoje do mesmo modo que os homens.

Goldenberg (2001) confirma essa perspectiva e considera homens e mulheres como sendo praticamente iguais, no sentido de que ambos escolhem seus parceiros com maior liberdade e se separam com maior facilidade. Portanto, é possível ressaltar que existe hoje uma maior igualdade entre os gêneros. Heilborn (2004) assegura que os valores da família das camadas médias vêm sofrendo mudanças significativas, devido à predominância da ideologia igualitária. De acordo com a autora, tais valores interferem no comportamento e na interação entre os indivíduos e são baseados na singularidade e na liberdade individual. Isto desencadeou a recusa da distinção hierárquica entre os gêneros.

Goldenberg (2001) ressalta que, apesar das inúmeras mudanças ocorridas nas últimas décadas, a igualdade de gêneros é um processo e passaram-se poucos anos desde que tais mudanças começaram a acontecer. Ainda hoje, muitos estereótipos permanecem em nossa sociedade, como a ideia de que os homens têm várias parceiras sexuais ao longo da vida e que as mulheres são vítimas indefesas e frágeis. No entanto, para a autora, tais visões de gênero não se apresentam na realidade.

A relação conjugal está submetida a um novo campo de construção da subjetividade, marcado pela crise das identidades masculina e feminina, com o surgimento de novos papéis para homens e mulheres. Isso pode ser compreendido, em parte, devido ao aumento da liberdade sexual feminina e da demanda de qualidade nas relações, levando ao aparecimento de novas formas de relação a dois (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2005).

Existe hoje uma pluralidade dos modelos de conjugalidade, que pode ser entendida a partir da construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias, dentro ou fora do casamento. Apesar disso, o casamento

heterossexual formal não deixou de ser uma referência e um valor importante (Féres-Carneiro, 1999). Porém, o mesmo convive com outras formas de se relacionar, como é o caso do poliamor, modalidade de relação que propõe uma quebra de padrão e desafia os discursos vigentes sobre monogamia e fidelidade. Os poliamorosos entendem ser possível e aceitável amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. As maneiras de se concretizar este tipo de relação variam entre o casamento de mais de duas pessoas (casamento de grupo), os relacionamentos abertos - que permitem a relação com outras pessoas -, e os envolvimento casuais com duas ou mais pessoas (Féres-Carneiro, 2009).

Além do poliamor, outra nova modalidade de relacionamento é o casamento aberto entre duas pessoas. Goldenberg (2010) revela que, após inúmeros anos de pesquisa sobre o tema da infidelidade, foram raros os casais que defendiam essa forma de se relacionar, em que tanto o marido quanto a esposa poderiam viver relações extraconjugais, desde que compartilhassem com o outro o que viveram. Dias (2000) ressalta que a relação aberta é considerada um risco para a continuidade do relacionamento e a infidelidade pode balançar a estrutura da relação. Para a autora, a fidelidade é um aspecto fundamental do casamento e da coabitação, e o relacionamento conjugal precisa de dedicação e investimento mútuos. Heilborn (2006) destaca que, para os jovens, não é possível manter relações afetivas com uma pessoa e fazer sexo com outras pessoas quando em um relacionamento afetivo.

Hite (1998) constata que as mulheres homossexuais teriam menor proporção de casos fora de seu relacionamento principal do que as mulheres heterossexuais. Além disso, enquanto a maior parte das mulheres heterossexuais esconderia tais casos de seus cônjuges, as mulheres homossexuais não monogâmicas ou têm seus casos com o consentimento da parceira principal, ou a informação chega muito rápido a ela. Isso porque, segundo o autor, existe uma comunicação maior em um relacionamento entre duas mulheres do que em um relacionamento entre homem e mulher. Quanto aos relacionamentos homossexuais masculinos, no início dos anos 90, Giddens (1993) descreve ser comum o fato de os homens possuírem uma diversidade de parceiros sexuais, com

quem o contato pode ser apenas transitório. Entretanto, uma grande quantidade dos homossexuais masculinos e a maior parte das mulheres homossexuais, segundo o autor, se encontram constantemente em uma relação de coabitação com apenas um parceiro.

Um dos sentimentos envolvidos na possibilidade de conseguir ou não conseguir se manter em um relacionamento aberto é o ciúme. O ciúme pode ser tratado como algo inevitável e natural em uma relação amorosa, mas que possui origens profundas no inconsciente. Seu grau de manifestação ocorre de acordo com a personalidade e a autoestima da pessoa. O ciúme representa uma perda ou ameaça de perda que geralmente é acompanhada pelo sentimento de abatimento, pela afronta à autoestima e à sensação de segurança. Pode ser compreendido como uma construção social composta por muitos outros sentimentos, como amor, ódio, medo, raiva, orgulho, inveja (Almeida, Rodrigues, Silva, 2008). Goldemberg (2006) cita algumas queixas que estão diretamente relacionadas ao ciúme e à possessividade, como controle excessivo por parte do parceiro, cobranças, invasão de espaço, falta de privacidade, falta de sinceridade, falta de confiança e mentiras.

Almeida (2012) realizou um estudo com o objetivo de verificar a relação entre ciúme e infidelidade, por considerar os dois fenômenos como sendo as mais inquietantes preocupações nos relacionamentos amorosos e importantes causas de desentendimento dos casais. O autor concluiu que existe uma relação direta entre ciúme e infidelidade, em que o ciúme atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade. As profecias autorrealizadoras são crenças que possuem a capacidade de exercer influência sobre o comportamento do outro. Dessa forma, quando uma pessoa possui um ciúme possessivo do seu parceiro, isso interfere na liberdade deste, o que pode resultar em um gradual distanciamento do casal. O medo de perder o parceiro pode fazer com que a infidelidade ocupe um lugar de destaque no relacionamento afetivo-sexual.

3.2.

Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas

Com o intuito de possibilitar uma compreensão mais aprofundada sobre o tema da fidelidade e infidelidade na contemporaneidade, é importante fazer uma breve análise histórica sobre a temática. Na história ocidental, o adultério esteve relacionado a uma conotação de pecado, o que é historicamente datado com os antigos hebreus. Para esse povo, a virgindade das mulheres antes do casamento e a fidelidade das mesmas após o casamento eram muito valorizadas. Já em relação aos homens, a poligamia e a concubinação eram aceitos (Socci, 1983).

Socci (1983) destaca que, no século IV a.C., os homens gregos eram considerados superiores às mulheres, sendo permitido somente a eles ter relações extraconjugais e encontros com rapazes adolescentes homossexuais. O único crime sexual que poderia ser cometido por um homem era o coito realizado com a esposa de outro, o que poderia condená-lo à morte. Assim como os gregos, os romanos também podiam ter casos extraconjugais e consideravam o adultério algo justificável. Já as mulheres que fizessem o mesmo poderiam ser castigadas por seus maridos e, em alguns casos, eles tinham o direito de matá-las. Com o tempo, os romanos tornaram-se rigorosamente monógamos, tendo o homem que escolher entre uma esposa ou uma concubina.

Do século IX ao XII, os tribunais eclesiásticos consideravam o adultério como um pecado da alma. A ideia de fidelidade entre os amantes apaixonados só surge no final do século XI, e o amor romântico não poderia ser a base do casamento, já que o mesmo era arranjado por interesses familiares. No século XVI, no período da Reforma, o adultério e a prostituição, que antes eram considerados inevitáveis diante dos casamentos combinados, passaram a ter castigos mais severos, podendo, ainda, ser considerados motivos para a morte (Socci, 1983).

No mundo ocidental, a partir do século XVIII, o amor já era pré-condição para o casamento, e as pessoas buscavam alcançar segurança e estabilidade econômica sem tanta influência dos pais. A estima e a afeição eram esperadas

para o casamento, mas não a paixão, pois esta era uma característica do amor adúltero (Socci, 1983). Quanto à infidelidade, esta ainda era condenada pelos tribunais, assim como a homossexualidade (Foucault, 1988).

No século XIX, as ideias de amor romântico exerciam fortes influências sobre os burgueses, e o mito do casamento romântico considerava que o ideal era haver amor por uma única pessoa durante toda a vida, aquela com quem se casaria e prometeria amor eterno. A exclusividade sexual e a permanência também faziam parte desse mito, e havia a expectativa de que existissem companheirismo e igualdade no casamento, sem dominação ou subordinação. Assim, amor e fidelidade sexual estariam para sempre ligados (Giddens, 1993). No século XX, teve início o surgimento da noção de que o amor não necessariamente duraria por toda a vida, tornando-se direito de todos a busca por um novo amor (Socci, 1983).

Portanto, cabe afirmar que, historicamente, existe uma diferença entre homens e mulheres quanto à autorização implícita à possibilidade de relacionamentos extraconjugais. A dupla moral concedia ao homem o direito de trair, o que não era permitido às mulheres. A traição era, antes, legitimada e justificada pelas necessidades sexuais do homem, e antigamente a mulher abria mão do seu desejo e da liberdade sexual em prol da constituição de sua família. Hoje as mulheres já possuem maior liberdade sexual, se relacionando sexualmente não apenas para a reprodução, mas também para a obtenção de prazer.

Visto que o adultério e a infidelidade tiveram diferentes significados ao longo da história e foram vividos de formas diversificadas de acordo com cada cultura, cabe o questionamento sobre quais os significados desses conceitos para a sociedade atual. De acordo com Groisman (2013), a infidelidade é:

“um sintoma de uma crise conjugal latente na qual um dos membros do casal toma a iniciativa de torná-la manifesta – geralmente em função do gênero e do seu passado familiar – através de uma ação (traição). Essa ação procura descongelar o tempo: o casal não é mais o mesmo dos primeiros tempos. Exterioriza que o tempo passado daquele casal – que não se reorganizou através desse mesmo tempo – já se expirou.” (p.141).

Groisman considera que o casal busca manter o equilíbrio que havia no início do relacionamento e, para isso, introduz um terceiro, o que poderia aquecer a relação e fornecer aquilo que está faltando ao casal. O autor ressalta que o casal acredita que o tempo não irá passar e que eles não sofrerão a influência dessa passagem dos anos e que serão sempre os mesmos, aqueles que eram desde o primeiro encontro. Porém, diversos são os fatores que podem influenciar a vida do casal, como presença dos filhos, envelhecimento, eventos acidentais (crises econômicas, falecimento de algum membro da família). Então, o casal vai se adaptando a essas mudanças, sem perceber que estão fazendo isso e persistindo na ideia de que o tempo é imutável.

Pesquisa realizada por Jablonski (2005) sobre as expectativas de jovens solteiros frente ao casamento investigou a definição de traição para os mesmos, mostrando que a resposta mais citada pelos participantes foi “sexo com outra pessoa”. Outras definições também foram dadas, como “beijar/ ficar com outra pessoa”, “mentir para o parceiro” e “manter uma relação com outra pessoa”. É interessante perceber que esses dados mostram que a traição é geralmente ligada ao ato sexual, mas não abarca somente o sexo e beijar/ ficar com alguém fora da relação principal, mas que mentir para o parceiro, por si só também é considerado uma forma de traição.

Kipnis (2003) define a infidelidade como “a greve da ética do amor-que-dá-trabalho” (p. 31), e argumenta que o amor moderno traz a exigência de que o sujeito se empenhe no amor, já que o mesmo dá trabalho. Considera que o tipo de construção da relação amorosa em que os sujeitos são pressionados a se empenhar para que o amor sobreviva, resulta em um tipo de intimidade de alto custo, o que pode levar a uma conformidade forçada, no lugar da livre expressão do desejo.

Diferentemente de outras épocas, atualmente espera-se que coexistam desejo e amor pela mesma pessoa. A sociedade hoje impõe que as pessoas encontrem uma satisfação plena em seus relacionamentos amorosos e, caso isso não aconteça, devem sair da relação ou se divorciar (no caso do casamento), e encontrar um novo parceiro que satisfaça as suas necessidades de forma mais

completa. Além da alternativa pelo rompimento da relação, muitos sujeitos buscam atingir a plena satisfação pessoal através de ligações extraconjugais e, mais especificamente, da infidelidade, que ocorre quando tais casos fora da relação principal não fazem parte de um acordo entre os parceiros, mas sim de algo escondido e quebrando o pacto de exclusividade sexual e amorosa.

Em pesquisa realizada por Haack e Falcke (2013) sobre infidelidade nos relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet, a resposta que mais apareceu ao definirem o que é infidelidade foi a quebra de contrato. Para Maheu e Subotnik (2001), o fato de duas pessoas manterem um compromisso e romperem com este compromisso é indicação de que ocorreu a infidelidade. O contrato realizado pelo casal diz respeito aos deveres e direitos de cada um, levando em consideração todos os aspectos da relação. Groisman (2013) afirma que, geralmente, os contratos estabelecidos entre os parceiros que iniciam uma relação amorosa estável ficam mais implícitos do que explícitos, e que quanto mais implícitos forem, mais chances de serem descumpridos. A terapia de casal é uma possibilidade de revelar os contratos implícitos e elaborar contratos explícitos da relação. De acordo com Almeida e Rodrigues (2008), isso se torna extremamente importante para o casal, pois é comum que o contrato não seja compreendido da mesma forma por ambas as partes. No entanto, ainda que seja compreendido, um dos envolvidos pode romper o acordo realizado anteriormente.

Ao pesquisar os comportamentos sexuais na França, Bozon (2003) percebeu a prevalência de duas fases da vida sexual dos casais. A primeira delas é a fase de construção do casal, chamada de “casal nascente”, em que a frequência da atividade sexual é alta, e é dada uma grande relevância à fidelidade. Já a segunda fase, chamada de “casal estabilizado”, se caracteriza pela diminuição no ritmo das relações, quando a satisfação dos parceiros diminui. Além disso, após alguns anos de relacionamento conjugal, as divergências entre homens e mulheres aumentam bastante.

Apesar de o amor romântico ter dado lugar ao amor confluyente (Giddens, 1993), e de não se acreditar mais em amor eterno ou que devemos viver apenas

uma história de amor durante toda a vida, ainda hoje existe uma forte idealização da fidelidade (Goldenberg, 2010). A fidelidade como um valor a ser preservado nos relacionamentos amorosos é uma confirmação de que o indivíduo que vive na contemporaneidade busca se sentir livre, mas, ao mesmo tempo, quer se sentir seguro.

“Numa época em que os casais não acreditam em amor eterno, é instigante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima, inclusive nas relações extraconjugais. As Outras acreditam que seus amantes não têm relações sexuais com as esposas. Os homens casados acreditam que suas amantes lhes são fiéis sexualmente. Não só no casamento, mas também no adultério, a fidelidade é um valor. (...) A fidelidade permanece um valor, apesar das enormes mudanças nas relações amorosas na atualidade. Homens e mulheres traem. Homens e mulheres são traídos. A relação entre discursos, comportamentos e valores se mostra extremamente complexa e paradoxal quando a questão é a (in) fidelidade.” (p. 19)

Dessa forma, a autora traz uma concepção inovadora acerca da idealização da fidelidade do parceiro, já que mesmo em relações em que a infidelidade já está acontecendo, como no caso dos homens casados que possuem amantes, a fidelidade é desejada por todos os envolvidos. Isso também demonstra a contradição existente entre discurso e comportamento dos indivíduos e reafirma ser a fidelidade/ infidelidade uma questão bastante paradoxal. Goldenberg (2013) traz o conceito de fidelidade paradoxal:

“Qual é o paradoxo da (in) fidelidade que aparece entre os meus pesquisados? Em primeiro lugar, o valor da fidelidade, mesmo quando os indivíduos são efetivamente infiéis. Pode-se pensar que é justamente porque os indivíduos são, em grande parte, infiéis que a fidelidade é um valor. Em segundo lugar, a fidelidade pode ser vista como uma ilusão. Mesmo sabendo que é provável que o parceiro seja ou tenha sido infiel, deseja-se acreditar que ele é fiel. Os pesquisados querem a ilusão de fidelidade muito mais do que a própria fidelidade” (p.20).

Portanto, é muito importante acreditar na existência da fidelidade, mais do que ser efetivamente fiel ou possuir um parceiro fiel. Nesse sentido, o cafajeste, aquele que possui habilidades para ser infiel, pode ser considerado uma pessoa muito fiel, já que sabe representar muito bem o papel do homem fiel e ainda o faz com diversas mulheres, e não somente com uma.

Goldenberg (2009; 2010) realizou pesquisas a respeito do papel das amantes de homens casados, entrevistando mulheres de diferentes gerações,

pertencentes às camadas médias da população carioca. As amantes demonstraram que ter um marido é um valor fundamental, mas muitas vezes não é possível arranjar um marido, devido às idades avançadas, à competição com mulheres mais jovens, e à escassez de homens heterossexuais solteiros. Para essas mulheres torna-se satisfatório um amante companheiro e fiel. Isso porque elas possuem uma grande expectativa quanto à fidelidade dos parceiros, acreditando serem únicas na vida sexual dos mesmos. Elas entendem que o motivo da infidelidade deles é justamente a inexistência de uma vida sexual com suas esposas, descrevendo o lugar das esposas como desvantajoso, secundário e humilhante. Nesses estudos, a autora demonstra a ambiguidade presente no discurso das mesmas que, ora se apresentam como um pilar fundamental para a manutenção do casamento tradicional, ora questionam as relações conjugais socialmente valorizadas, se colocando como mulheres modernas.

A infidelidade amorosa pode ser compreendida como uma tentativa de lidar com as forças paradoxais de segurança e liberdade, na medida em que o indivíduo não abre mão da conjugalidade, ou seja, não opta pelo término da relação e, ao mesmo tempo, busca satisfazer-se fora do relacionamento principal. Béjin (1982) destaca que a coabitação dos jovens na contemporaneidade é uma tentativa de conciliar a vida conjugal e as uniões extraconjugais, sem precisar se abster de nada e “ganhando por todos os lados”. A infidelidade conjugal pode ser encarada como uma forma de manter-se em um vínculo duradouro através do qual se obtém segurança e, concomitantemente, garante a liberdade de experimentar outras relações, ainda que isso signifique romper contratos de fidelidade com o cônjuge. A variação entre a necessidade de se obter laços de interdependência e a negação dessa necessidade pode criar uma tensão entre os cônjuges e, possivelmente, levar à infidelidade (Goldenberg, 2010).

Os casais, muitas vezes, se queixam da instabilidade da relação; porém, é comum que se queixem também da sua estabilidade, cotidianidade. A estabilidade do vínculo pode ser vivenciada como um sustentáculo para o crescimento e uma possibilidade de lidar com situações novas, mas também como uma estabilidade cerceante, que é registrada como tédio e aborrecimento. Diante do tédio, o casal

pode buscar mudanças, como trazer algo novo ou divertido para a relação (Puget e Berenstein, 1993). Uma forma de trazer novidade é através dos encontros sexuais fora da relação principal, onde são despertados o desejo, o mistério, o prazer.

De acordo com Goldenberg (2010), o bom relacionamento sexual é imprescindível para o casamento, além de ser um termômetro de saúde para o mesmo. A fidelidade conjugal está, muitas vezes, relacionada à vivência da sexualidade, que pode ser encarada como um território conjugal, ou seja, algo que é compartilhado pelos parceiros como lugar comum do casal. Singly, (2004) afirma que a fidelidade conserva sua importância na segunda modernidade, permanecendo como um ideal na relação. Isso demonstra que, quando se trata da vida a dois, existem limites quanto à autonomia e à liberdade individuais. A vida conjugal sempre exigiu a renúncia de aspectos pessoais.

Béjin (1982) descreve três tipos de relacionamento, o amor conjugal comedido, que tende ao amor e à fecundidade; o amor extraconjugal apaixonado, que tende à intensidade e preserva a fecundação; e a coabitação entre jovens, “com a obsessão moderna de ganhar de todos os lados, ao mesmo tempo, sem nada sacrificar de suas possibilidades” (p. 184). Béjin afirma que, entre os jovens que coabitam, não existe uma norma universalmente aceita sobre a fidelidade, tampouco um vazio normativo. Mas, na maioria das vezes, os coabitantes desejam ser fiéis, por diversos motivos, como para respeitar o compromisso estabelecido. Outro motivo é que os jovens estão convencidos de que ser fiel é de interesse deles próprios, pois com as relações estando mais igualitárias, ser infiel traz o risco de que o parceiro se sinta enganado e também seja infiel, como uma “represália”, o que poderia levar ao término do relacionamento. Para o autor, a coabitação possui um contrato que pode ser rediscutido a qualquer momento e quantas vezes os parceiros julgarem necessário. Além disso, tal contrato pode ser rompido a qualquer instante, o que contribui para tornar a relação especialmente frágil, fazendo necessário moderar a exigência da fidelidade.

A exigência da fidelidade pode ser compreendida como uma “vontade de reciprocidade”, o que significa que o sujeito que espera que seu parceiro seja fiel

também deve agir da mesma forma. Além disso, a fidelidade pode ser entendida como sendo baseada em uma “obrigação moral” que deve considerar as necessidades do parceiro (Bozon, 2003). Em pesquisas realizadas sobre os múltiplos arranjos amorosos contemporâneos, Féres-Carneiro (2009) confirma que a infidelidade é considerada por muitos sujeitos como um desrespeito aos sentimentos do parceiro.

Goldenberg (2010) afirma que, para os monogâmicos existe uma natureza masculina propensa à infidelidade, que deve ser controlada em prol do compromisso amoroso. Além disso, para os mesmos, um dos motivos de os homens traírem se deve ao fato de estarem inseridos e submetidos a uma cultura que valoriza a imagem do homem infiel. Estes homens são vistos pelos próprios monogâmicos como seres frágeis, carentes, infantis, covardes.

“Para os que se dizem monogâmicos, a fidelidade é percebida como uma fidelidade amorosa e a infidelidade, como um sintoma de que o casamento enfrenta crises ou sérios problemas. A exclusividade sexual é vista como necessária para a sobrevivência do casal e como um desejo natural de quem ama e quer preservar a relação acima de tudo” (Goldenberg, 2010, p. 117).

Groisman (2013) pontua que a infidelidade possui algumas funções na vida do casal, sendo a primeira delas a possibilidade de explodir a crise que estava oculta na relação conjugal. O segundo intuito é preservar a família, no caso de haver filhos, mesmo que seja à custa da relação conjugal. A terceira função é negar e, concomitantemente, denunciar que o tempo do casal precisa ser atualizado. A quarta é manter o modelo de relação aprendido com a família de origem, repetindo-o. E, por último, a quinta função é possibilitar um rebalanceamento do padrão relacional do próprio casal, especialmente através de uma terapia de casal.

De acordo com Groisman (2013), a infidelidade e a forma de lidar com ela, perdendo ou não o parceiro, estão intimamente relacionadas à herança familiar, ou seja, à influência que cada sujeito recebe de seus pais, avós, bisavós e assim sucessivamente. Portanto, o passado familiar se atualiza no presente, influenciando diretamente o comportamento nas relações atuais do indivíduo. O autor define o perdão como uma atitude de uma pessoa em relação à outra que lhe

infringiu uma lesão emocional ou física, de intensidade variada. Para ele, o ato da infidelidade é imperdoável, por permanecer marcado na memória de quem foi traído. Já a pessoa que foi infiel, esta sim pode ser perdoada, e a possibilidade do perdão dependerá de a pessoa que foi traída optar por continuar ou não na relação.

Segundo Pinheiro, Jordão e Martins (1998), o perdão é um tema que remete ao universo religioso, mas que ultrapassa a lógica da reparação e possui uma afinidade com o trabalho analítico. Para os autores, perdoar não significa necessariamente reconciliar com o outro, nem mesmo esquecer o ocorrido, mas implica em se desobrigar a permanecer em determinada posição diante de uma situação. Perdoar inclui reconhecer o próprio desamparo e também o do outro. Goldenberg (2010) revela que os homens que já foram infiéis se arrependem da traição e não acreditam que irão trair novamente, pois consideram a infidelidade uma situação inesperada e indesejada. Eles entendem que a infidelidade é um “acidente de percurso” que deve ser corrigido, seja reestruturando ou rompendo a relação. Para Groisman (2013), o perdão pode ser unilateral, de caráter intrapessoal, ou seja, consigo mesmo e sem a presença do outro, ou pode ser bilateral, de caráter interpessoal, entre quem traiu e quem foi traído. O perdão unilateral ocorre quando a pessoa traída não deseja se reconciliar ou manter o relacionamento, já o bilateral ocorre quando a pessoa que traiu se arrepende e a que foi traída deseja manter ou retomar o relacionamento.

4. Pesquisa de Campo

4.1. Participantes

Para atingir os objetivos propostos, foram entrevistados dez jovens adultos solteiros, universitários, das camadas médias da população carioca, sendo cinco homens e cinco mulheres heterossexuais. Os sujeitos são independentes, têm entre 18 e 25 anos de idade.

4.2. Procedimentos

Foi utilizada uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas em áudio, com o consentimento dos entrevistados. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente, com o intuito de preservar o discurso dos sujeitos. As entrevistas são individuais e presenciais, marcadas de acordo com a disponibilidade dos participantes.

4.3. Instrumentos

Foi elaborado um roteiro oculto que aborda alguns temas, tais como definição de fidelidade; importância que ela possui para os sujeitos; expectativas quanto à fidelidade do parceiro; acordos explícitos e/ ou implícitos para o casal; casos de infidelidade no relacionamento atual e em anteriores; possibilidades de perdoar uma traição. Foi realizada uma entrevista-piloto com o objetivo de testar o roteiro.

4.4. Análise dos dados

Após terem sido transcritas, as entrevistas foram analisadas através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). As categorias de análise emergiram do discurso dos entrevistados.

4.5. Cuidados éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da PUC-Rio. Os objetivos da investigação foram explicados a todos os participantes e foi solicitado que os mesmos lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em duas vias), no qual estão contemplados o objetivo geral da pesquisa, o procedimento das entrevistas e o caráter confidencial conferido à identidade de cada entrevistado.

Consideramos que a participação na pesquisa não traga nenhum prejuízo para os entrevistados. Porém, caso houvesse algum desconforto durante a entrevista, o entrevistador estaria preparado para o manejo da situação e, se fosse o caso, poderia ter interrompido o procedimento e, inclusive, poderia ter sugerido o encaminhamento para um atendimento psicológico.

É importante ressaltar que os nomes dos jovens são fictícios, a fim de proteger suas identidades. A amostra de sujeitos ficou composta da seguinte forma:

ENTREVISTAS	NOME	IDADE	RELACIONAMENTO ATUAL	ESCOLARIDADE	CURSO	MORA COM
1	Leo	23 anos	Nunca namorou	Sup. Incompleto	Filosofia	Avós paternos
2	Julie	24 anos	Não está namorando	Sup. Incompleto	Comunicação Social/Jornalismo	Pais
3	Camila	23 anos	Namora à distância (Rio-SP)	Sup. Incompleto	Turismo	Pais e irmão (18 anos)
4	Felipe	24 anos	Não está namorando	Sup. Completo	Psicologia	Pais e irmãs (19 e 21 anos)
5	Ane	18 anos	Namora há 2 anos	Sup. Incompleto	Geologia	Pais, irmã (13 anos) e avós
6	Danilo	19 anos	Nunca namorou, só ficou sério	Sup. Incompleto	Engenharia	Avós
7	João	22 anos	Namora há 5 meses (1ª namorada)	Sup. Incompleto	Ciências Contábeis	Pais, irmão (24 anos) e irmã (28 anos)
8	Ian	25 anos	Nunca namorou	Sup. Incompleto	Economia	Avó paterna
9	Luiza	21 anos	Namora há 5 anos	Sup. Incompleto	Relações Internacionais	Sozinha há um ano
10	Clara	20 anos	Namora há 1 ano e 9 meses	Sup. Incompleto	Relações Internacionais	Pais

4.6

Análise e discussão dos dados

É importante ressaltar que, dentre os cinco rapazes entrevistados, três nunca namoraram e um está namorando pela primeira vez, há cinco meses. Dentre as moças, quatro estão namorando e uma não está em um relacionamento sério no momento, mas já namorou.

As relações amorosas na atualidade

A maioria dos entrevistados caracteriza *as relações amorosas na atualidade* como superficiais, rápidas, vazias e banais. Os mesmos relatam ser difícil manter uma relação amorosa estável e duradoura, por haver uma busca pela quantidade de relações que se estabelece e não pela escolha de apenas um parceiro. De acordo com os jovens, as pessoas querem apenas “curtir” e não

querem “se prender” ou estabelecer relações mais sérias, responsáveis e compromissadas.

“Tá complicado, porque... as pessoas não tão querendo mais ter a chance de se prender uma à outra. Querem sempre mais, procuram sempre mais, e perde um pouco do significado do relacionamento em si. Tá difícil. (...) Querem mais é ficar com mais pessoas, mais e mais. Quantidade! Não querem ter um relacionamento. Eles querem curtir, e depois deixar pra lá e partir pra outra. Eles acabam perdendo chance de estar com uma pessoa legal.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“Hoje em dia? Eu acho... não sei, eu acho que hoje é muito superficial, assim, porque... Eu sou meio desacreditada hoje em dia de relação amorosa, porque eu acho que é tudo muito fácil, sabe? Eu acho que... sexo hoje em dia é muito fácil, então as pessoas não querem mais se prender, não querem ficar com uma pessoa só. Só querem curtir, todo mundo quer todo mundo. Então eu acho que é tudo meio superficial, assim.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“Assim... todo mundo meio ‘ah, a gente tá ficando, vamos namorar, mas não é nada muito sério’. Nada que envolva, é... como é que eu posso dizer? Nada que envolva muita responsabilidade, sabe? As pessoas ficam juntas e sem levar isso muito a sério. Eu acho que as coisas estão muito assim hoje em dia. (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Como afirma Bauman (2004), é comum a crença de que quanto mais se faz amor, mais hábil a pessoa se torna nessa área. Seguindo essa lógica, quanto maior a quantidade de relações, mais bem preparado o indivíduo estaria para se relacionar. Essa perspectiva parece prevalecer entre os jovens, pois, de acordo com os entrevistados, hoje em dia as pessoas se importam mais com a quantidade de relações, do que com a escolha de somente um parceiro.

Contudo, ao tentar adquirir cada vez mais habilidades no âmbito amoroso através do estabelecimento de diversas relações, o que acontece é justamente o contrário, ou seja, um “desaprendizado” do amor, uma “exercitada incapacidade” para amar. Isto acontece porque o amor não é uma atividade que possua um cenário estável e repetitivo, para que seja possível que o indivíduo adquira hábitos úteis e os memorize. Aprender a amar é uma possibilidade falsa e enganosa, mas que se deseja que seja verdadeira (Bauman, 2003).

Ao responderem sobre como percebem as relações amorosas, alguns sujeitos relatam haver uma banalização das relações, afirmam que as mesmas

estão “muito passageiras” e que não existe mais o compromisso com a fidelidade e a verdade consigo mesmos ou com os outros.

“Por isso que eu digo que hoje tá tudo muito banal, tá tudo muito fácil. Você vai ali, não tá muito satisfeito com a tua mulher, você vai ali fica com outra, transa com outra e volta e tá tudo ótimo. Entendeu? Hoje em dia não tem mais aquela coisa de ‘vamos tentar, vamos ver o que tá acontecendo, vamos...’, aquela coisa fiel, enfim... Eu acho que é isso.” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Eu acho que, assim, essas coisas que tão muito passageiras hoje em dia geram relacionamentos em que as pessoas não se importam muito com o outro, né? Então acabam agindo... acho que não são verdadeiras nem consigo mesmas e nem com os outros, sabe? Então acaba ficando uma coisa muito superficial, sabe? E por isso elas não têm esse compromisso da responsabilidade, da verdade, da fidelidade com as outras pessoas.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Os relatos dos entrevistados corroboram a afirmação de Bauman (2004) de que a nossa sociedade é marcada pela velocidade e aceleração, não havendo tempo para que o desejo pelo outro amadureça. Alimentar o desejo significaria retardar a satisfação, o que é extremamente difícil atualmente. Portanto, a rapidez e superficialidade dos encontros a dois facilitam a obtenção do prazer passageiro e da satisfação instantânea, não exigindo dedicação e esforços prolongados para a manutenção das relações.

Baudrillard (2008) destaca que os indivíduos, desde o início de suas vidas, estão cada vez mais rodeados por objetos e menos rodeados por outros indivíduos, como costumava ser antigamente. Dessa forma, as relações sociais se tornam enfraquecidas e ficam marcadas pela banalização e descartabilidade, já que o indivíduo passa a viver se baseando nas leis do valor de troca. As experiências amorosas podem ser comparadas às interações que o indivíduo possui com as mercadorias, que podem ser aproveitadas para o uso imediato e passageiro. Assim, encontrar um parceiro é tão rápido quanto ser atraído a comprar uma roupa em um *shopping* (Bauman, 2004).

Um dos rapazes revela sentir uma cobrança social para que seja infiel à namorada.

“É, tipo, ‘viu, peguei, não sei o quê’, eu acho que tem muito disso também. E falam ‘po, você tá com ela e só com ela? Até hoje nunca traiu?’, aí você sente um negócio, uma cobrança errada, né? Os conceitos eu acho que mudaram. É ‘como

você não traiu?’, ‘como você não brigou?’, eu acho isso engraçado. E eu não sou conservador não, cara, ideias conservadoras, eu aceito a mudança e tal. Não é só tipo assim família, tradição, não é nada disso, sabe, mas é um conceito meu de fidelidade. É, tá escrachado. (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

Goldenberg (2010) afirma que os monogâmicos consideram que exista uma natureza masculina propensa à infidelidade, que deve ser controlada em prol do compromisso amoroso. Além disso, para eles, um dos motivos de o homem trair é por estarem inseridos e submetidos a uma cultura que valoriza a imagem do homem infiel. Apesar dessa valorização cultural, esses homens são vistos pelos próprios monogâmicos como seres frágeis, carentes, infantis, covardes.

Muitos entrevistados falam sobre a facilidade em iniciarem novas relações, e sobre a diversidade de ambientes em que podem conhecer novos parceiros, como faculdade, trabalho, festas. Os mesmos também citam a internet, as redes sociais e os celulares como facilitadores do encontro com novas pessoas e, ao mesmo tempo, do distanciamento que provocam entre elas, já que diversas vezes substituem o contato físico, “face a face”.

“Todas as relações tão muito superficiais hoje em dia, né? As redes sociais acabam substituindo um pouco do contato pessoal, face a face.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“É tudo muito fácil também, tudo muito fácil! Você conhece uma pessoa na *internet*, você... tem faculdade, conhece um monte de gente, você trabalha, conhece um monte de gente, então é muito fácil conhecer muita gente. Então eu acho que hoje em dia a relação é uma coisa complicada de se manter, muito complicada. Acho que é isso.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“Eu acho que, quase como todo jovem hoje, né, ficava na festa, se desse pra praticar sexo depois da festa, praticava. A pessoa tenta, normal. É, tinha... na faculdade, em qualquer ambiente você consegue hoje gente pra ficar, pra fazer o que você quiser. E eu sempre fui muito tranquilo quanto a isso também.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“É fácil, é muito simples hoje você encontrar, sair de um [relacionamento] pro outro é muito simples, muito fácil, tem mulher pra tudo quanto é canto e tem homem pra tudo quanto é canto. Você encontra tudo quanto é tipo de gente. E se você não tá bem num lugar, você vai buscar em outro.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

Dentre eles, uma se refere às redes sociais como um meio de as pessoas mostrarem “coisas que não são”.

“Olha,... eu acho que esse negócio de celular atrapalha muito, *facebook* atrapalha muito. Atrapalha no sentido de... tem gente que nem... Tipo, ligar já virou uma coisa, assim, de outro mundo, porque hoje em dia é só *whatsapp*. Eu só falo no telefone com o meu namorado, ele não gosta de *whatsapp*, então a gente se liga bastante. Só que as minhas amigas nem falam no telefone, falam no *whatsapp* etc. Eu acho meio ruim. Acho que perdeu um pouco o companheirismo também. É, eu acho que afasta. E são muito superficiais também, tipo, muita gente você acha que tá apaixonado e não sei o quê; você olha foto no *facebook*, *instagram* e tal, é aquele casal que vai casar com certeza, altas declarações e tal, e quando você conhece, não é nada disso, sabe. Muito pelo contrário, você percebe que é uma forma dele se enganar e aquela coisa toda, sabe?” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

Os jovens descrevem a internet e as redes sociais como um meio de comunicação que facilita o conhecimento de novas pessoas, contudo ressaltam como um ponto negativo o fato de, muitas vezes, funcionarem como substitutos do contato pessoal. Os relatos dessas experiências contrastam com as afirmações de Nicolaci-da-Costa (2005), que defende que os relacionamentos virtuais não possuem uma tendência a substituir os relacionamentos presenciais, e sim a complementá-los.

Dois sujeitos comparam o momento atual, em que há uma pluralidade de formas de se relacionar, com outras épocas, em que havia um padrão de relacionamento a ser seguido.

“As relações estão variadas ao extremo. Cada um tem a sua forma de funcionar ali. Porque antes era, eu acho, imagino que tinha lá todo um protocolo, né, que você seguia. Você casava lá por volta dos vinte anos, a mulher com quinze, né? E, aí, você seguia pro resto da vida com a pessoa e se divorciasse, ferrou, né? Então, eu acho que hoje em dia, né, é muito diferente disso. Cada um tem uma história ali com o seu parceiro ou parceira.” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Antigamente o pessoal traía... é engraçado também o que vai mudando..., os conceitos. (...) Mas eu acho que tá escrachado. Antigamente o pessoal se escondia, mas agora tá escancarado mesmo, não tão nem aí. (...) Sei lá, tá muito bagunçado. Mas eu acho que sempre foi bagunçado, não sei, às vezes eu acho que tá mais bagunçado, às vezes eu acho que não. Porque se você for pegar a história também, o homem ia pra cabaré, né, e deixava a mulher em casa. De repente hoje a gente tem mais informação agora, ou tem mais opção; às vezes eu fico pensando nisso e não chego à conclusão nenhuma.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

O que caracteriza o casamento no início do século XXI é a pluralidade dos modelos de conjugalidade, o que foi permitido a partir da construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias. Essas múltiplas conjugalidades incluem as relações heterossexuais, bem como as homossexuais, bissexuais e poliamorosas. Apesar da existência de uma pluralidade de conjugalidades e configurações familiares, o casamento heterossexual formal não deixou de ser uma referência e um valor importante (Féres-Carneiro, 1999).

Atualmente, relacionamentos conjugais não-tradicionais, como, por exemplo, o “ficar”, o poliamor e a coabitação convivem com arranjos conjugais mais tradicionais, como o namoro, o noivado e o casamento. Até os anos 1970, a constituição da família era orientada pelo modelo tradicional de família nuclear, caracterizado pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelo papel do homem como provedor, e da mulher como responsável por cuidar do lar e dos filhos. Esse modelo foi se modificando e, atualmente, há maior autonomia nas relações afetivas, na sexualidade, na reprodução e no trabalho (Zordan, Falcke & Wagner, 2009).

O conceito de fidelidade

Quando solicitados a definirem *o conceito de fidelidade*, os termos honestidade, sinceridade, verdade e transparência aparecem bastante nos relatos dos entrevistados. Para eles, uma pessoa é considerada fiel quando compartilha com o (a) namorado (a) ou “ficante” questões que envolvam um terceiro como, por exemplo, no caso de se relacionarem com outras pessoas. Porém, essa demonstração de fidelidade não garante a continuidade do relacionamento.

“E aí entra a questão também da sinceridade, tem que ser sincera sempre. Se ficou com outra pessoa enquanto tava comigo, tem que me contar. É, é isso fidelidade.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“Fidelidade é honestidade. Independente do que você faz, você tem que ter..., tem que ser honesto. Eu acho que se eu chegasse pro O., sei lá, me interessasse por outra pessoa e contasse pra ele, antes mesmo de fazer ou logo depois, eu estou sendo fiel porque eu contei. Mas, assim... aí já não existe mais a relação, na minha opinião. Não existiria mais a relação. É, mas a fidelidade pra mim é isso, a honestidade.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Então eu acho que fidelidade, eu acho que é a pessoa tá ali, tá do seu lado, entendeu? Se ela, se a pessoa quer ficar com outra, quer namorar com outra pessoa, quer conhecer outra pessoa, o que eu espero dela é que ela me fale ‘olha, I., não quero mais. Eu to realmente me interessando por outra pessoa’. Não que ela te faça de bobo, sabe, que ela brinque. Porque você tá ali, você se entrega, pelo menos eu, né, eu me entrego. Eu tô num relacionamento, tô sentindo alguma coisa por aquela pessoa forte e eu vou e quebro a cara, sabe, ela me machuca? Isso é muito ruim. Então, o que eu acho que é a fidelidade é isso aí, é você ser fiel à outra pessoa. E também, se não quiser, avisa, fala, sabe?” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Mas eu, se for pensar na minha relação, fidelidade pra mim é manter a transparência da um com o outro, independente de... Ah, por exemplo, se eu gostar de outra pessoa e eu contar pra ele é eu estar sendo fiel. Isso pra mim é fidelidade, é manter essa transparência.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Pô, a fidelidade eu acho que é se entregar de verdade, sabe. É... agir com verdade com a pessoa. Eu acho que é engraçado até esse conceito de fidelidade, porque as pessoas acham que é só não trair, né? Eu acho que não é só isso. É você não..., você não amar a pessoa e falar ‘amor, te amo’, sabe, pra continuar com aquela coisa. Eu acho isso uma questão de falta de fidelidade.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

Estudo realizado por Goldenberg (2004) confirma que homens e mulheres exigem sinceridade, lealdade e franqueza absoluta em seus relacionamentos. A autora ressalta que sinceridade absoluta, cumplicidade, interdependência e complementaridade, valores que podem ser considerados simbiótico-românticos, contrastam e convivem com os ideais de liberdade e de individualidade.

Cabe ressaltar que os jovens compreendem que uma pessoa pode ser fiel mesmo que ela deseje se relacionar com outras, ou mesmo que realmente se relacione amorosa e/ou sexualmente com outras pessoas quando está em um relacionamento afetivo, desde que ela fale abertamente sobre o ocorrido. Além disso, ser fiel é fazer valer uma igualdade de direitos, sendo importante que a liberdade de ficar com outras pessoas seja uma via de mão dupla e seja combinado entre os membros do casal.

Portanto, para os jovens entrevistados, ser fiel significa manter o acordo preestabelecido com o parceiro, ainda que este acordo inclua a possibilidade de se relacionar com outras pessoas.

“Fidelidade é seguir o contrato preestabelecido entre nós dois. Então, dependendo do acordo que a gente chegou no início de um relacionamento, se ela

quebrar essas regras, ela está sendo infiel a mim. Então, não necessariamente ela ficar com outra pessoa está sendo infiel, depende do que a gente acordou inicialmente.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

“É ter um combinado e respeitar aquele combinado. Ou recombina, se não for possível respeitar.” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Acho que fidelidade é você, é... manter o consenso com uma pessoa. Vamos supor, eu não sou a favor de... eu não sou contra essas pessoas que têm mais de um namorado, ou têm um namorado e ficam com várias pessoas. Eu não sou contra isso, mas contanto que isso seja do conhecimento da outra pessoa e..., e seja uma via de duas mãos, sabe. Vamos supor, se eu tenho um namorado e quero ficar com outras pessoas, ele tem que saber disso e ele também tem direito disso, de fazer isso.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

Conforme apontado por Haack e Faleke (2013), a infidelidade é definida como a quebra de contrato entre os parceiros. Maheu e Subotnik (2001) confirmam que o fato de duas pessoas manterem um compromisso e romperem com ele é indicação de que ocorreu a infidelidade.

Alguns entrevistados trazem a noção de fidelidade como um companheirismo, no sentido de estar junto do parceiro em todos os momentos que o outro precisar, e não somente nos momentos bons.

“Fidelidade é ser fiel às pessoas, é estar com ela nos momentos bons ou ruins. (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“É tá com a pessoa gostando da pessoa, acho que tudo se envolve nisso. Se você gosta da pessoa, você vai ser fiel, vai querer tá com ela sempre, você vai ser companheiro, vai ser tudo. É meio que um ciclo, né.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Não sei, você ser infiel é você não..., sei lá, não ser companheiro, não tá ali quando a pessoa precisar, sabe? Que nem um amigo infiel.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Então, fidelidade é não me abandonar quando eu mais precisar de você. Eu acho que isso seria o meu conceito de fidelidade. Se eu chegar ao ponto de me abrir e precisar de você, eu acho que..., pra eu te considerar fiel é eu não me sentir abandonado, quando eu sentir necessidade de você, quando eu tiver num momento carente e quiser você, eu acho que você tem que tá pra mim. Eu acho que é esse que é o meu conceito de fidelidade.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

As falas acima corroboram a afirmação de Goldenberg (2013) de que a amizade é um dos aspectos que devem estar presentes nas relações amorosas,

acompanhados do amor e da paixão. Isso porque a amizade dá ao indivíduo maior garantia da cumplicidade do parceiro.

Alguns sujeitos entendem que uma pessoa geralmente é fiel quando está tudo bem no seu relacionamento. Para eles, a fidelidade é algo que se dá naturalmente, quando um gosta do outro, independentemente de estar em um namoro.

“Então, assim, fidelidade é... Você tem fidelidade numa relação quando a relação tá legal, quando você..., quando tá tudo andando bem, sabe. Não que uma briga vá fazer você ser infiel, não, mas... Quando tá tudo dando certo, eu acho, na mesma sintonia. (...) acho que quando você tá gostando da pessoa, você acaba sendo fiel, independente de ser relação ou não, assim, você acaba ficando só com ela, sabe. Eu acho que... que não tem essa de ‘ah, você não pode trair, você não pode fazer’, não tem essa de alguém querer te prender a ela. Eu acho que quando você tá vivendo uma coisa, você acaba se prendendo porque você quer, não por ta impondo que você tem que se prender. Não! Acho que você tá gostando disso, tá gostando da pessoa, você acaba sendo fiel a ela sem ter nenhum status de tá namorando ou não. Acho que é isso.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“É, é isso fidelidade. (...) Porque eu, quando tô com outra pessoa, eu não tenho necessidade... Porque não é questão de poder ou não poder, eu não vejo necessidade de ficar com outra pessoa se eu tô bem com aquela. (...) Na verdade, acho que se dá naturalmente. Se a pessoa te completa e você completa aquela pessoa, então não tem porque ser infiel. Se você tá bem com ela e ela te satisfaz em todos os sentidos, então... Fidelidade é algo natural num relacionamento.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

Mitchell (2002) pontua que a segurança permanente é ilusória e artificial, podendo sufocar a vitalidade dos envolvidos. Destaca que a excitação sexual é incontrollável e imprevisível, não podendo ser comandada ou controlada intencionalmente. Heilborn (2006) encontrou diferentes resultados em sua pesquisa, em que tanto os homens quanto as mulheres afirmaram ser possível controlar o próprio desejo sexual.

Alguns sujeitos demonstram dificuldades em definir fidelidade, e definem primeiramente os conceitos de infidelidade e traição:

“É você..., deixa eu ver... acho que é uma palavra difícil de... [risos] Acho que é mais fácil você definir o contrário, a traição, né? Traição é você... quebrar aquilo que foi estabelecido com a pessoa quando vocês começaram a namorar ou a se relacionar. Entende? Acho que a fidelidade é você cumprir com isso.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

“Putz... Não sei te dizer muito bem o que seria fidelidade. Porque tem casos e casos, né? Você falar da traição, tem gente que trai e você acaba perdendo. (...) Aí eu acho que a fidelidade... sei lá também o que é fidelidade, é difícil falar o que é. É ser fiel, né, ser fiel...” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Bom, eu acho mais fácil definir a infidelidade, porque eu já traí. E quando você é infiel, é porque você não tá mais satisfeito. Apesar de que depois vai pesar a sua consciência, é porque alguma coisa não tá legal, sabe.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

O conceito de infidelidade

Para se referir ao *conceito de infidelidade*, a maioria dos jovens utiliza os termos infidelidade e traição indiscriminadamente. Apesar disso, quando questionados sobre as possíveis diferenças entre os termos, muitos descrevem a infidelidade como algo mais abrangente que a traição, sendo a traição limitada ao ato de ter uma relação com outra pessoa. Para eles, a infidelidade inclui não somente o ato físico, como também não corresponder às expectativas do outro, não ser companheiro, não dar atenção, além de mentir, fingir e agir escondido.

“Não é só quando tem relação sexual. Ser infiel é, em todos os sentidos né, não estar com a pessoa. Fingir estar e não estar. É fingir que ama, pra se prender por outro interesse, mas ao mesmo tempo estar com outra pessoa também. É estar com a pessoa apenas por interesse e não por amor, de fato, entende? E a traição, a pessoa pode amar a pessoa, mas pode acabar traindo a pessoa, mesmo amando a outra pessoa.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“Eu acho que infidelidade é você meio que quebrar essa..., esqueci a palavra. É... é expectativa, entendeu? Ninguém entra num relacionamento pra dar tudo de si e não receber nada, sabe? Você entra, tipo, dando amor e carinho e você espera que seja recíproco. Infidelidade é quebrar essa reciprocidade. Acho que infidelidade é isso, você não responder à... à expectativa do outro. Então acho que não é só você trair, é você não dar atenção suficiente, é tipo, não sei, sabe? É você não, é..., é não ser recíproco pra mim. (...) Mas acho que traição é essa coisa de você ter uma relação amorosa com outra pessoa.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Putz... Ah, é aquela, sei lá, é aquela pessoa que não tá nem aí pra você. Vamos supor, você tá lá namorando, mas vai sair e vai pegar alguém. Tipo, tinha um amigo meu que namorava a menina e ia pra uma boate e ficava lá com três ou quatro – só tomava cuidado pra não pegar pessoas do mesmo grupo, sabe, senão acabava chegando na garota. Mas ele fazia isso direto e isso é infidelidade, né, tipo, não tem um vínculo. Ah, namora aqui, aí foi lá pra outro bairro e não tá mais namorando, sabe? [risos].” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“É mentir, acho que é isso. É mentir, seja traindo, que é o mais comum, seja traindo a emoção da pessoa: tá falando que ama e não ama, ou então tá num relacionamento que não é real, que não cultiva, só por comodidade, por exemplo,

eu acho que pode ser uma infidelidade. Eu acho que traição é você pegar outra pessoa quando você tá num relacionamento. Eu vejo dessa forma. (...) Infidelidade é também traição, mas não é só isso. Tem uma linha tênue aí. (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Não, espera aí, vamos pensar um pouco sobre o termo. Infidelidade e traição. Infidelidade é..., pra mim seria... Agora vou ter que fazer aí um, um... traição seria talvez mais forte, acontecer realmente o ato, o ato de se relacionar, não sexualmente, mas por... ah... digamos, eu estou com o O. hoje, beijo ele aqui agora e tal e ele foi embora e eu encontrei o J. na esquina, e agora eu vou ficar com o J.. Isso pra mim já é traição. O O. nem tá sabendo disso, mas é uma coisa que..., isso é traição. Mas infidelidade já... é a mesma coisa, é isso, é a mesma coisa. Não, não. Não, eu acho que a traição, poderia colocar assim, a traição para físico, talvez mais focado pro físico.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

É interessante destacar que alguns sujeitos se referem não somente à infidelidade ao outro, como também à infidelidade “consigo mesmos”.

“Então, tem uma infidelidade comigo mesmo... É se eu perceber que tô escambiando pra..., pra aquele compromisso que eu assumi comigo de tá com você, por exemplo, e isso não tá acontecendo. Aí eu achar que ‘não, tá tudo bem, eu já to percebendo’ e aí, eu vou lá e rompo o negócio e dá algum problema pra mim em relação a isso que eu me propus a fazer. Eu acho que... se eu sou infiel comigo mesmo quando eu não... Eu tô percebendo que vai acontecer isso aqui e vou lá e faço, sem assumir pra mim mesmo que eu tô ali indo pra esse lado [risos]. ‘Não, eu tô respeitando, mas, pô... não, não tá dando...’, arruma várias justificavas pra desrespeitar sem dizer pra mim mesmo que eu tô escolhendo ir por aqui, por esse caminho.” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Fiel a você mesmo na verdade é você não tá fazendo uma coisa que você acha certa, sabe? Acho assim, sei lá, na sua cabeça você tem vários pensamentos que acha certos e acha errados, eu tenho vários... (...) Acho que você não é fiel a você mesmo quando você não faz uma coisa legal pra você mesmo. Por exemplo, se eu tô traindo e tô me sentindo mal, eu não tô sendo fiel a mim mesma, porque eu não tô fazendo uma coisa que me faça bem. Tô traindo e não tô me sentindo mal, calma aí, tem alguma coisa errada; se eu não tô me sentindo mal com isso, é porque o meu relacionamento não tá bem. Então você ser fiel a você mesmo é fazer uma coisa que te faça bem, assim, que mesmo que pra sociedade não seja uma coisa certa, acho que é meio que não pensar muito no de fora e pensar mais em você, sabe, pra você. Se tá te fazendo bem, faz aquilo, acho que ser fiel a você mesmo é isso: fazer uma coisa que te faça bem. (...) Mas acho que você já não tá sendo fiel não só a ele, mas a você e à sua relação, a partir do momento que você tá com uma pessoa pensando em outra.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“Porque a gente têm isso, acho que todo mundo têm isso, teve um momento para ‘eu gosto mais dele do que dele’. Então, aquilo ali já se classifica como uma traição. Porque, querendo ou não, você tá traindo o seu sentimento, não é só à sua relação. Você tá traindo o seu sentimento pela outra pessoa. Mas, como eu te falei, isso na minha situação. No poliamor, por exemplo, em outras pessoas pode existir. Na minha concepção, para mim, na minha vida, eu acho que sim.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

Levy (2012) confirma que a traição é um aspecto específico da condição humana, e que o ser humano é inevitavelmente traidor, ainda que seja de si mesmo. Vale destacar que a autora pontua que a família é o local onde ocorrem as primeiras traições, principalmente entre pais e filhos. Isso ocorre porque as crianças já nascem devedoras, no sentido de os pais possuírem diversas expectativas em relação a elas. Além disso, os filhos avaliam não ter recebido o que mereciam de seus pais, e os pais, por sua vez, acreditam que seus esforços não foram recompensados.

Os limites entre fidelidade e infidelidade

A maior parte dos jovens, ao responder sobre os *limites entre fidelidade e infidelidade*, apresenta respostas paradoxais, ora dizendo que, por exemplo, conversar com outra pessoa não é infidelidade, ora dizendo que é. Além disso, alguns sujeitos relativizam a questão, demonstrando que não é possível delimitar o que é infidelidade fora do contexto do relacionamento e que isso depende de muitos fatores. Apesar das dificuldades em delimitar o que consideram, ou não, infidelidade, é unânime o fato de a infidelidade não ocorrer somente quando há o aspecto físico, como beijo e sexo, mas também quando há conversas, quando há sentimentos por outro, e quando a pessoa “dá mole” para alguém.

“É que é complexo esse negócio de dar mole também, né. Tem menina que é super sensual e você acha que tá dando mole pra todo mundo. E tem menina que é super fechada e que parece que ela não tá dando mole pra todo mundo, mas que talvez ela esteja dando mole pra alguém e a gente não sabe, entendeu? É complexo isso de dar mole. Mas,... tudo depende também: há quanto tempo você tá, qual é sua história com a pessoa, qual foi a história dessa menina com outro cara. Se foi só um beijo, talvez tranquilo – você não sabe se o cara agarrou, se ela aceitou, se foi um beijo mútuo, não dá pra saber muito bem também. Tudo

depende um pouco do que aconteceu.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Ah, eu acho que beijou... Ah, eu acho que manter um papo depende. É, isso aí tem que pensar. Por exemplo, manter um papo: ‘se eu não tivesse namorando a gente ficaria’. Acho que isso é traição, sabe. É induzir ou deixar alguma coisa sugestiva, mesmo que não tenha o ato. É muito... Por isso que eu falei da traição não compactuar com a verdade. Porque de repente não é só pegar a pessoa, dar um beijo ou fazer sexo; é você trair mesmo a confiança da pessoa.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Eu acho que, assim, o desejo por outras pessoas é normal. É impossível você falar ‘não, você não vai olhar para aquela pessoa, e pensar, e desejar’, né? Mas aí, eu acho que quando você começa a se relacionar, mesmo que por conversas... Fisicamente já considero, com certeza! Mas uma conversa que dê esperanças de uma futura traição, sabe? Uma coisa que, que,... que ocorre apenas entre casais, eu já acho que... já cortaria por aí.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

“Não! Eu acho que, de certa forma é. Só conversar é sim, porque, querendo ou não, se você tá namorando com uma pessoa, não era pra outras pessoas te interessarem, sabe? Não sei, mas... tipo, eu não acho que seja traição, mas se a gente pensar, se eu descobrisse uma conversa dele no mesmo nível que eu tenho com esse menino, eu ia querer terminar com ele, entendeu? Esse tipo de coisa. Até porque, se ele pegar a minha conversa, não tem como saber se aconteceu alguma coisa ou não. Por isso que é difícil. Eu sei que não aconteceu, mas dá abertura pra várias interpretações.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Ter relação, beijar. A partir de beijar. Pensamento você não tem como controlar, eu acho assim, você não tem como controlar o pensamento do outro, sabe? Isso é a vida, eu acho. Não tem muito o que se fazer... Mas, eu acho assim, você ser infiel à pessoa, talvez as pessoas pensem, pode ser do pensamento também. Isso é uma coisa a se pensar... [risos] Mas eu acho, é... pode vir desde o pensamento também ‘ai, quero muito!’, de querer estar com outra pessoa, e você tá com uma e querer estar com outra, pode ser. Só de pensar, pode ser. Mas o que eu considero é de ver o meu namorado beijar outra pessoa, ter relação com outra pessoa. Isso pra mim é infidelidade. Porque pensamento, a gente tem mil pensamentos o dia inteiro, toda hora, não sei o quê... Pode vir a fantasia, exatamente. Não me incomodo com isso.” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Na minha opinião, no momento em que você percebe que você tá gostando de outro, ali você já está traindo. Você percebe e continua... Então, se você tá continuando, você tá mantendo uma mentira.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

É, não necessariamente a infidelidade inclui o ficar, o beijar, a relação sexual.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

Pesquisa realizada por Jablonski (2005) também mostra que não é considerado traição somente quando há envolvimento físico com outras pessoas. Outras definições de infidelidade são encontradas pelo autor, como, por exemplo, mentir para o parceiro. É interessante perceber que esses dados confirmam que a

traição é geralmente ligada ao ato sexual, mas não abarca somente o sexo e beijar/ ficar com alguém fora da relação principal, mas que mentir, por si só, também é considerado uma forma de traição.

Uma entrevistada se refere à pornografia como não sendo infidelidade por parte do parceiro.

“É... eu acho que não tem problema olhar. É, eu vejo também muitas meninas da minha idade que não gostam que o namorado veja filme pornográfico ou receba no *whatsapp*... eu também não tenho problema com isso, pra mim isso não é traição. Eu acho que... normal, sabe? Não tá acontecendo nada, sabe? Mas eu acho que quando você mantém um relacionamento, seja físico ou emocional, com outra pessoa, eu já acho que aí já é traição.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Essa fala vai ao encontro do estudo realizado por Whitty (2003), que revelou que, apesar de a maior parte das pessoas ficarem infelizes ao saberem que seus parceiros ficam excitados ao olhar conteúdos pornográficos, a maioria não considera isto um ato de infidelidade. Outra pesquisa, realizada por Parker e Wampler (2003), mostrou que acessar salas de bate-papo online ou visitar sites para adultos sem interagir diretamente com outras pessoas não é considerado como uma transgressão ou traição.

A fidelidade aparece na fala da maioria dos entrevistados como um fator “muito importante”, “muito sério” e “fundamental” para os relacionamentos.

“Importância? Tem grande importância, né? Fidelidade é fundamental pra um relacionamento. (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“Se você gosta da outra pessoa, não tem questão corporal, não tem questão... acho que dá pra ficar... a fidelidade é muito importante. Dá pra ficar direito com a pessoa, é só gostar da pessoa que vai ter fidelidade, vai ter tudo, o relacionamento vai ser sadio.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Porque pra mim isso também é muito sério, a fidelidade, a questão da fidelidade. Porque é o que eu falo com ela direto: a partir do momento que acabar o amor, eu acho que já não vale a pena continuar. Aí eu falo: oh, acabou. Aí a gente conversa, chega a um consenso. De repente uma das partes pode sofrer, ou as duas, mas aí acabou. Eu acho sacanagem a traição.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Ah, eu acho que se eu não tiver confiança na outra pessoa eu não consigo me relacionar com ela. Então, a fidelidade pra mim é fundamental porque eu preciso confiar nessa pessoa, entendeu?” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Dias (2000) ressalta que a fidelidade é um aspecto fundamental do casamento e da coabitação, entendendo que o relacionamento conjugal precisa de dedicação e investimento mútuos. Goldenberg (2004) afirma haver uma expectativa de fidelidade mútua, sendo a traição geralmente considerada um problema insuperável para os indivíduos. A autora salienta que a fidelidade é um valor fundamental para os casais, o que independe do tipo de arranjo conjugal no qual as pessoas se encontram. Na relação entre o homem casado e a sua amante, por exemplo, a fidelidade também é um valor básico. Portanto, a fidelidade é um valor não somente no casamento, mas também no adultério (Goldenberg, 2013).

Os dados encontrados no presente estudo corroboram os resultados de pesquisa realizada pelo Datafolha (2007), que mostram que tanto as mulheres, quanto os homens apontam a fidelidade como o quesito mais importante para a felicidade de um casamento, sendo mais citada que o amor, a honestidade, os filhos, a vida sexual satisfatória e o dinheiro.

O estudo realizado por Jablonski (2011) que indagou a homens e mulheres sobre o que eles pensam que faz durar um casamento confirma que os fatores mais indicados pelos sujeitos são confiança, respeito mútuo, companheirismo, amor e diálogo. Comparativamente a estudos realizados em anos anteriores pelo mesmo autor (Jablonski, 1993, 2003), o item confiança aumentou, enquanto o amor diminuiu na importância dada pelos entrevistados mediante a questão do que pode fazer durar um casamento. O autor conclui que a importância dada à fidelidade e à confiança reflete um temor da perda do parceiro.

Os motivos que levam à infidelidade

Quanto aos *motivos que levam à infidelidade*, um dos que mais se destaca no discurso dos entrevistados é a insatisfação com o relacionamento, seja por brigas, pela rotina, por não gostar mais da pessoa, ou por gostar também de outra. Além desses, o principal fator citado como justificativa de a relação não estar boa

é a vida sexual do casal, principalmente como motivo para os homens traírem, o que é mencionado tanto pelos homens, quanto pelas mulheres.

“Eu acho que a partir do momento que você dá abertura pra sentir atração por outra pessoa é porque alguma coisa não tá legal na tua relação. (...) E quando você é infiel eu acho que é porque alguma coisa não tá dando certo, porque tem muita briga, ou porque parou de gostar, ou... Não sei, acho que muita briga leva muito à infidelidade, assim, porque aí você começa a ver defeitos, ver mais defeitos do que qualidades na pessoa, você começa a ficar insatisfeito. Acho que é isso, acho que é uma junção de fatores que levam a isso.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“Insatisfação com o seu relacionamento atual. (...) Um homem que busca, sei lá, uma prostituta, querendo ou não, ele está infeliz na cama, na relação dele. Ele tá infeliz, porque se não estivesse, ele não buscaria, essa é a minha opinião. (...) Mas esse é pra mim o principal motivo, a insatisfação em tudo.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Você pode ter brigado, pode ter..., você pode não gostar da pessoa realmente. Ou talvez, sei lá, não sei, tem gente que diz que gosta, mas na hora a questão corporal fala mais alto que a cabeça, né? Tipo, ‘ah, eu amo minha namorada’, mas tá viajando lá pra outro Estado, aí conhece uma menina muito bonita e vai ficar.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Ah, mas no caso do homem que eu posso mais falar. No caso do homem nem sempre é questão de não gostar da mulher, mas é questão de desejar outra mulher, sexualmente falando, né. Você acaba não conseguindo controlar esse instinto. Ou não tá bem na relação e acaba fazendo isso mesmo; a relação não tá muito boa, isso acaba acontecendo. Mas têm as duas questões: a relação ruim, e a questão do homem, do instinto. Não defendo isso, mas acontece. Pra mulher, eu acho que quando a relação com o homem não tá muito boa, não tá mais sentindo prazer na relação, e acaba buscando outro.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“A infidelidade? Talvez você estar insatisfeito. Depende do homem ou da mulher. Você tá insatisfeito com o seu relacionamento, você acha que tá faltando alguma coisa...” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Acho que quando você não gosta mais da pessoa tanto quanto você gostava antes e você não é capaz de controlar o desejo da hora. Ou, então, quando você nunca esteve realmente envolvido com aquela pessoa e tava num relacionamento apenas por estar num relacionamento. Por exemplo, quando você é... namora e tem, vamos supor, uma tentação na hora, de você ser infiel, e você acaba fazendo isso, entende?” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Tais respostas confirmam os resultados da pesquisa realizada por Goldenberg (2004) de que as razões mais apontadas por mulheres e homens para a infidelidade são a falta de amor, a insatisfação e a crise ou os problemas no relacionamento. Além desses motivos, os homens também apontam a “natureza

masculina” e o “instinto” para explicar suas traições. A autora destaca que muitos homens, ao justificarem suas traições, afirmam não ter nenhum problema com suas esposas e namoradas, mas que são “poligâmicos por natureza”. É interessante destacar que tanto para os homens, quanto para as mulheres, a culpa da traição é sempre do homem devido à sua “natureza incontrolável”, ou aos defeitos e faltas no relacionamento principal, que podem levar à traição por parte da mulher que está insatisfeita em sua relação (Goldenberg, 2013).

Heilborn (2006) constata em seus estudos que os homens jovens, pertencentes às camadas médias e médias altas da população, expressam a ideologia de gênero masculina que associa o sexo a uma “necessidade física” e a uma “força incontrolável”. Tal ideologia entra em contraste com a visão das mulheres pertencentes ao mesmo grupo social, que não entendem o sexo como uma necessidade física. Diferentemente das mulheres, os rapazes rejeitam uma perspectiva mais relacional da sexualidade, destacando a supremacia do desejo masculino.

Uma das entrevistadas compara a infidelidade com o uso de álcool e drogas, no sentido de assumir uma função de fuga, de escape ao que não está bom na relação.

“Eu acho que uma pessoa que tá infeliz com aquilo que vive, com a pessoa que está, ela busca uma escapatória. Tem gente que busca drogas, bebidas, sei lá, diverte-se com outros escapes, mas acho que o principal é levar à traição. Traição, então, por exemplo, tanto carnal quanto emocional.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

Tanto as moças, quanto os rapazes citam que os homens são infiéis por insegurança, necessidade de autoafirmação e de elevar a autoestima. Uma delas fala de forma crítica a respeito da influência que os homens recebem dos amigos para ficarem com outras garotas.

“Primeiro, acho que principalmente pra homem, tem aquela coisa: ‘não confio nela, então vou tirar o meu da reta, sabe? Vou fazer antes que ela faça.’ Tem muito homem idiota, sabe, desse tipo. Que os amigos falam também ‘ah, ela é a maior... não dá pra confiar nela, não sei o quê’, aí o garoto vai e faz por influência. Acho que tem influência das amizades, acho que tem essa questão da insegurança: a pessoa acha que tá sendo traída e trai, pra não se sentir ou inferior,

ou, não sei... Acho que, sei lá, ‘vou fazer também pra tá quite’, sabe, ‘eu não vou ser o traído’.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Baseado em nada, eu acho que ela trai também como o homem, mas eu acho que o homem trai mais nesse aspecto – pelo que eu vejo, conhecimento de causa mesmo – que o homem trai mais por afirmação ou porque a mulher tá lá mesmo, eu vou pegar. (...) Esse negócio de traição também é engraçado, porque parece que é auto-afirmação, pelo menos eu vejo dessa forma. A mulher eu vejo como meio que se vingando e o homem é auto-afirmação.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Eu acho que você começa a querer se motivar, acho que motiva mais você tentar algo novo pra você voltar a ter aquele jogo de conquista, pra você voltar a ter uma autoestima. Acho que é uma coisa pra o seu próprio ego, você procura alguém novo que continue atraído por você. Então, eu acredito que isso motivaria a uma infidelidade.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

Dentre os diferentes tipos de infidelidade descritos por Melo e Afonso (2011), estão a infidelidade que ocorre por influência externa, e com o intuito de melhorar a imagem pessoal diante das outras pessoas, e a infidelidade que acontece como uma tentativa de fugir da rotina e de melhorar a autoestima através do envolvimento extraconjugal. Tais definições vão ao encontro das falas acima citadas, que destacam a necessidade de se autoafirmar e aumentar a autoestima.

A infidelidade amorosa e infidelidade sexual

A maior parte dos sujeitos relata ser inaceitável para eles tanto *a infidelidade amorosa* – que envolva sentimentos –, quanto *a infidelidade sexual* – que envolva o ato sexual. Eles afirmam não haver diferenças entre o peso de uma ou de outra para o relacionamento principal.

“Acho que, pra mim, os dois tipos de infidelidade são a mesma coisa. Você traiu a confiança daquela pessoa do mesmo jeito, seja por um ano ou um dia. Você não respeitou o relacionamento que você tinha com aquela pessoa e a confiança que ela depositou em você.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

“existe a infidelidade carnal, que é a fidelidade do corpo, a pessoa quer fazer sexo, sei lá, deu a louca, bebeu todas e acabou transando com outra pessoa; mas tá apaixonada, está vivendo um relacionamento com outro. Eu acho que existe. Eu repudio os dois, os dois [risos]. Não sou favorável a isso, não. É tudo sacanagem [risos]” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Pô, não vejo diferença não, cara, não vejo. Pra mim é inaceitável qualquer uma das duas. Não vejo muita... É, eu acho que pode ser que pras outras

pessoas tenha, pelo peso da emoção, né? E eu acho que tem muita justificativa do homem, de ‘ah, era só mais uma mulher’, sabe? Ou então ‘ah, era só prostituta’, porque nego acha que prostituta não conta! Isso é outra coisa, acontece muito isso! Nego ‘ah, vamos no puteiro, que não conta’, pô, lógico que conta, cara! (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

Pittman (1994) pontua que a infidelidade pode ser sexual, emocional ou envolver ambas. A infidelidade sexual é aquela que envolve o contato físico, como beijar, ter contato íntimo, ter relações sexuais. Já a infidelidade emocional é aquela que envolve a formação de apego ou afeição por alguém fora do relacionamento de compromisso, podendo incluir flertes, encontros, conversas íntimas ou apaixonamento.

Duas moças destacam que, para elas, a infidelidade amorosa seria pior de ser descoberta do que a sexual. É interessante ressaltar que as duas têm namorado e uma delas já vivenciou uma fase do relacionamento com o atual namorado à distância (quando ele estava fazendo intercâmbio em outro país), enquanto a outra entrevistada namora atualmente à distância, pois o namorado mora em outro Estado.

“Olha, eu acho que os dois são traição, tá? Os dois são traição, na minha opinião. Mas eu acho que... você se envolver sentimentalmente com outra pessoa é ainda pior, ainda é pior. Porque eu tenho, eu namoro à distância, e o meu namorado mora em outro Estado; mal ou bem, eu não sei o que tá se passando por lá, eu confio, deposito toda a minha confiança nele, sabe? Mas, mal ou bem, a gente nunca sabe o que se passa. Como ele também não sabe o que se passa aqui no Rio comigo, entendeu? Se ele mantém uma relação lá com outra pessoa, acho que sexual, vamos supor, uma prostituta, eu nunca na vida vou descobrir. Agora, sentimental já fica diferente, você acaba criando um vínculo com aquela pessoa. De qualquer forma, um dia eu vou descobrir, eu vou pegar uma mensagem, que aquilo ali não vai ser só sexo, se for sentimental... Então, eu acho que os dois são traição, mas a sentimental é pior.” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Cara, eu acho que... não sei. Vamos dizer assim, se fosse uma infidelidade sexual, acho que é mais compreensível do que... eu não sei explicar! Porque é aquela coisa carnal, a pessoa tava ali precisando e, sei lá, transou com ela. Um tá viajando, e aí, sei lá, transou com outra. É isso que eu quero te dizer quando ele viajou, se isso aconteceu eu acho que foi uma infidelidade mais pro lado sexual. Eu acho que a amorosa é mais difícil da pessoa que tá vivendo lidar, porque ela ama as duas, vamos dizer assim, não sei. Mas eu acharia pior de ser a pessoa traída. Se ele me trai com sentimento, eu acho pior.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

O namoro à distância pode acarretar maiores dúvidas e insegurança nas moças quanto ao fato de os respectivos namorados se manterem sexualmente fiéis a elas ou não. Isso pode justificar a fala das mesmas, ao considerarem a infidelidade amorosa pior do que a sexual, já que elas parecem entender que correm um risco maior de os namorados não terem conseguido ser fiéis neste âmbito, o que se soma à visão de que eles possuem “necessidades físicas” às vezes incontrolláveis. A afirmação de Béjin (1982) vai de encontro às falas citadas, pois o autor acredita que seja mais difícil para as mulheres dissociar o amor carnal do espiritual. Apesar disso, as entrevistadas, nas falas acima, diferenciam as duas formas de se relacionar, já que ressaltam ser pior a infidelidade amorosa, ou seja, fazem uma distinção e comparação entre as duas. Além disso, Colaço (2009) confirma que os indivíduos que namoram à distância apresentam uma tendência à intensa preocupação com a relação e com a disponibilidade do parceiro, mantendo um desejo intenso de proximidade do (a) namorado (a).

Possibilidade de amar/ gostar de duas pessoas ao mesmo tempo

Muitos entrevistados afirmam ser possível *amar/ gostar de duas pessoas ao mesmo tempo*. Apesar disso, a maioria fala das dificuldades em se manter uma relação amorosa com mais de uma pessoa, seja por não saber o que fazer caso goste de mais de uma pessoa ao mesmo tempo, seja por sentir muito ciúme do parceiro. Um deles ainda cita o risco de perder as duas pessoas de quem gosta, caso não assuma um “compromisso sério” com uma das duas, já que considera ser inviável namorar duas pessoas concomitantemente.

“essa questão de a pessoa amar a outra também, eu acho que isso pode acontecer. (...) Acho que é possível gostar de mais de uma pessoa ao mesmo tempo, porque a pessoa... Por isso que eu acho que é pior pra pessoa que tá gostando de duas pessoas. Eu não ia saber o que fazer, sabe. E é difícil, vamos supor, as duas outras pessoas aceitarem o fato de que você gosta de duas pessoas ou mais, sei lá, nunca se sabe.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Acho que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo sim, mas... é possível, mas não é muito compreensível, né? Você pode acabar gostando de duas pessoas, que seria perfeito se elas fossem uma só, né [risos]. Mas aí não dá pra você namorar as duas, não dá pra você namorar uma e ficar com a outra de vez em quando. Você pode só ficar com as duas. Mas aí, a partir do momento que você não quer compromisso sério com nenhuma das duas, elas podem

começar a namorar uma com a... uma com qualquer outro e a outra com qualquer outro também, né? Aí você acaba perdendo as duas.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Acho que é possível sim gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. Eu nunca, nunca passei por isso. Eu acho que é possível você gostar das pessoas assim, porque as pessoas são muito diferentes, né? E as pessoas acabam te atraindo de formas diferentes. Então, eu acho que é capaz, assim, de você se interessar por duas pessoas nesse sentido. Eu não conseguiria participar, porque eu sou uma pessoa ciumenta [risos]. Mas, hoje em dia, a gente vê que tem esses relacionamentos a três, né? Eu não, não conseguiria. Não sei se as pessoas que fazem isso também se sentem completamente à vontade. Porque eu acho que é muito difícil você ver a pessoa que você ama se relacionando com outra ali na sua frente. Eu acho que é muito difícil de lidar.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

É possível verificar que os jovens estão abertos a ideias que saiam do padrão tradicional de relacionamento, e que os mesmos parecem aceitar a existência de diversas formas de se relacionar, porém não imaginam vivenciar isso em suas próprias vidas. Heilborn (2006) afirma que a representação que vigora no Brasil de que temos uma cultura muito aberta em relação à sexualidade não se confirma nos comportamentos sexuais dos jovens brasileiros. Em pesquisa realizada pela autora com jovens de 18 a 24 anos de idade, sobre mitos e comportamentos sexuais, foi constatado que, para a grande maioria dos homens e das mulheres, não é possível estar em uma relação afetiva e fazer sexo com outras pessoas. Dias (2000) ressalta que a relação aberta é considerada um risco para a continuidade do relacionamento e a infidelidade pode balançar a estrutura da relação.

Uma entrevistada cita espontaneamente o poliamor e demonstra possuir interesse pelo tema, já tendo participado de um encontro científico sobre o assunto. Expressa admiração pelas pessoas que amam não apenas um, mas vários parceiros e ratifica que esta forma de se relacionar não se “aplica” a ela.

“É. Eu fui num encontro de poliamor. (...) lá eles têm múltiplas relações ao mesmo tempo, e eles são fiéis, fiéis nesse sentido de contar um pro outro ‘oh, eu estou com o fulaninho agora, não posso falar com você’. E ter essas relações extra, intra, sei lá, é tudo meio misturado. Mas eu acho isso fiel, é fiel. (...) Eu acho que tem, existe o poliamor, que dá pra você amar duas pessoas ao mesmo tempo. Não sou, não sou, não..., não acho que seja horrível isso no mundo. Eu acho que existe e que uma coisa tão linda que é amar, e você amar uma pessoa só é até, sei lá, uma coisa egoísta, não sei... complicado! Mas eu acho que existe

sim essa oportunidade de você ter mais de um relacionamento, você amar duas pessoas, eu acho que existe. De novo, não se aplica a mim. Poderia se aplicar em outro momento.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

Apenas uma entrevistada relata não ser possível gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. A mesma já manteve relações com um rapaz enquanto namorava outro, mas justifica que mesmo não gostando mais do namorado, sentia-se insegura de terminar.

“Você não consegue gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, não consegue. Eu, pelo menos, não consigo. Eu acho que... não dá, cara. Tem gente que fala ‘ah, porque eu gosto de duas pessoas’, não dá, não dá, assim. Eu quando demorei pra terminar e vi que eu gostava dele... É porque você fica insegura de terminar uma relação e entrar em outra que pode ser uma loucura, mas a partir do momento que você gosta de alguém, você não gosta de outra pessoa, sabe? Eu sei que eu gostei do F. um tempo, mas a partir do momento que eu tava com o I., eu não gostava mais do F. Tipo, não dá pra você gostar de duas pessoas, eu acho que não. Eu acho que essas relações amorosas duplas não existem não, eu acho que não dá. (...) Eu não sei ser moderninha nesses relacionamentos abertos, de ‘cada um pega quem quiser, mas a gente se gosta’. Não! Acho que não, acho que isso não é namoro, sei lá, acho que isso não é relação. Acho que relacionamento aberto não é relação.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

Um rapaz define relação aberta da seguinte maneira:

“Relação aberta pra mim é assim, a gente já..., eu não preciso mais ter tantos, tantas cerimônias pra dar um beijo, pra... enfim, ter qualquer tipo de toque sexualmente envolvido. A gente já tem uma intimidade de namoro, mas não tem a... a cobrança de namoro, de exclusividade. Então, assim, eu poderia simplesmente, seria realmente uma amiga que... a gente, eu posso simplesmente dar um beijo nela e isso não seria estranho, não ia causar nenhum tipo de estranheza. Ao mesmo tempo em que se alguma garota me der mole, eu poderia dar um beijo e ela também. Isso seria uma relação aberta pra mim.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

Apesar de a maior parte dos sujeitos considerarem ser possível amar mais de uma pessoa concomitantemente, somente um entrevistado citou apenas vantagens da relação aberta e desvantagens do namoro, salientando sua preferência pela primeira.

“Ah... eu... por acaso eu tô até... não quero namoro, porque o namoro tem muito aquela exclusividade e uma pressão. Eu até prefiro relações de amizade, onde pode envolver relações sexuais, só que não ter um compromisso. Porque o namoro, pra mim, tem muito um quê de exclusividade, assim: ‘eu sou seu e você é minha, acabou’. Isso envolve uma série de problemas, entre aspas, sociais onde... a pessoa pode te cobrar, a pessoa pode fazer exigências. Enquanto numa relação aberta não teria isso, é assim: ‘pô, senti atração por

você agora, vamos fazer isso e depois você pode fazer com quem você quiser que não tem problema’. Então, eu também... é.... acho possível ter um tipo de relacionamento amoroso-sexual sem ter esse quê de exclusividade que o namoro tem.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

Este mesmo rapaz, neste momento de sua vida, dá mais prioridade ao seu crescimento pessoal do que à construção de um relacionamento mais estável.

“Eu estou até numa fase em que eu não quero me prender porque eu tô interessado em me desenvolver em muitos lados pessoais meus, onde eu não estou, não me acho apto pra cuidar exclusivamente de uma pessoa, eu preciso de uma leveza. No momento onde eu acho que uma..., uma relação de amizade que pode envolver isso, seria melhor pra mim no momento.” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

Pesquisa realizada por Zordan e Wagner (2009) mostra que os jovens atualmente estão mais focados nos projetos profissionais do que no projeto de casamento e construção de família. Ao serem considerados os projetos vitais dos sujeitos, ou seja, as metas que estabelecem para suas vidas, o casamento aparece entre os últimos lugares de preferência. Como prioridades dos jovens, são destacados os projetos relacionados aos aspectos profissionais e pessoais, como realização profissional, estudos, realização pessoal e preocupações com os aspectos materiais, com o intuito de alcançarem boas condições de vida. A valorização dos aspectos profissionais é um reflexo dos valores contemporâneos, que enfatizam a individualidade, a realização pessoal e o sucesso profissional.

Os ciúmes

Os ciúmes surgem espontaneamente no discurso de algumas entrevistadas, e não aparece na fala de nenhum dos rapazes. A questão do ciúme é associada à insegurança, à posse e ao controle em relação ao parceiro, além de ser relacionada à baixa auto-estima. O ciúme também é visto como algo natural e uma forma de demonstração de afeto, o que uma entrevistada nomeia de “ciúme bom”.

“Ciúmes é normal a gente ter, né, quando a gente gosta. Quando a gente vê aproximação de uma pessoa que, às vezes, te deixa insegura, você pensar não necessariamente que vai me trair. Mas de me deixar e ficar com outra pessoa, sabe, de achar alguém melhor e mais,... melhor, ou mais interessante e tal. Mas não dentro do relacionamento, e sim terminar primeiro e depois ficar com a pessoa. Então, na verdade, o ciúme é como um risco da perda... Não da traição, mas da perda...” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

“Oh, ciúme, eu acho que tem que ter, porque ciúme, querendo ou não, ele é uma demonstração de sentimento. Assim, eu gosto daquela pessoa, eu quero saber sobre ela, com quem ela tá, onde anda. Mas tem limites, claro, tem que ter limites de ciúme. Eu, por exemplo, sou ciumenta, mas eu confio no O. Eu, às vezes, finjo um ciúme só pra ele se sentir valorizado, e ele se sente. Eu acho que o ciúme faz isso, o ciúme bom, esse ciúme assim ‘ai, onde você tá’, ‘quem que tá te ligando’.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Acho que o ciúme vem por causa da insegurança. Acho que muitas coisas, na verdade. Eu acho que depende da situação, assim, tipo, tenho amigas que namoram à distância e têm ciúmes por serem inseguras e acharem que o cara vai trair. Mas quando você namora normal, com gente perto, eu acho mesmo que é insegurança sim, de ah... eu acho que é um pouco de falta de confiança em si mesmo, do tipo, ah, não se achar suficiente pra aquele cara e achar que ele vai procurar fora, é... Eu não sei, acho que é isso, acho que é um pouco de insegurança de, tipo, o que ele tá fazendo, com quem ele tá, de querer controlar, sabe. Eu acho que é uma junção de posse, de você querer controlar a vida da pessoa. E quando você tá namorando, geralmente, muita gente é possessiva, acha que é porque tá com o status namorando que tem posse. É uma insegurança de não ter uma auto-confiança, porque eu acho que quando você tem uma auto-confiança, uma auto-estima, você não tem isso.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“Aham, ontem a gente tava numa conversa em grupo no *whatsapp* sobre isso, aí o H. até tava. E o garoto falando que não acha certo o namoro, mas no sentido de que traz valores sociais da pessoa ser sua posse, desses ciúmes exagerado, não sei o quê. Que acha errado isso, essa coisa de a pessoa meio que virar posse, de você ter o controle sobre ela, sabe. Só que eu acho que isso tudo é meio inevitável quando você gosta da pessoa. Eu até perguntei pra ele: você já namorou? Porque, sei lá, eu acho inevitável, você acaba tendo algum sentimento de posse. Não inevitável, mas a pessoa quer saber de você. Não é só uma questão de controle, tipo ‘o que você tá fazendo’, ‘aonde você tá’, é só uma forma de carinho, não sei explicar. Eu vejo isso como... lógico que tem gente que é doida, só que... também é uma forma de preocupação, tipo os seus pais. Seus pais fazem isso até uma certa idade, sabe, ‘onde você tá’, ‘já comeu?’, sabe esse tipo de coisa? Não é controle, eu acho.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

Na vivência do relacionamento amoroso, o ciúme pode ser chamado de ciúme romântico e, muitas vezes, é compreendido como uma manifestação do amor. Por outro lado, é também considerado por muitos como um sentimento que produz angústia, podendo, inclusive, abalar a saúde física e emocional dos envolvidos (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Goldenberg (2004) confirma a relação encontrada na presente pesquisa entre ciúmes e infidelidade. Em seu estudo, o ciúme é apontado pelos entrevistados como a maior dificuldade nos relacionamentos, e a questão da fidelidade é o segundo maior problema destacado por homens e mulheres.

Almeida (2012) realizou um estudo com o objetivo de verificar a relação entre ciúme e infidelidade, por considerar os dois fenômenos como sendo as mais inquietantes preocupações nos relacionamentos amorosos e importantes causas de desentendimento dos casais. O autor concluiu que existe uma relação direta entre ciúme e infidelidade, em que o ciúme atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade. As profecias autorrealizadoras são crenças que possuem a capacidade de exercer influência sobre o comportamento do outro. Dessa forma, quando uma pessoa possui um ciúme possessivo do seu parceiro, isso interfere na liberdade deste, o que pode resultar em um gradual distanciamento do casal. Portanto, o medo de perder o parceiro pode fazer com que a infidelidade ocupe um lugar de destaque no relacionamento afetivo-sexual.

O ciúme pode ser tratado como algo inevitável e natural em uma relação amorosa, mas que possui origens profundas no inconsciente. Seu grau de manifestação ocorre de acordo com a personalidade e a auto-estima da pessoa. O ciúme representa uma perda ou ameaça de perda que geralmente é acompanhada pelo sentimento de abatimento, pela afronta à auto-estima e à sensação de segurança. Pode ser compreendido como uma construção social composta por muitos outros sentimentos, como amor, ódio, medo, raiva, orgulho, inveja (Almeida, Rodrigues, Silva, 2008).

Goldemberg (2004) cita algumas queixas que estão diretamente relacionadas ao ciúme e à possessividade, como “controle excessivo por parte do parceiro”, “cobranças”, “invasão de espaço”, “falta de privacidade”, “falta de sinceridade”, “falta de confiança”, “mentiras”.

A maior parte dos entrevistados afirma que os *acordos relativos à fidelidade* permanecem implícitos nas relações amorosas e que não costumam dialogar abertamente com seus namorados (as) sobre o assunto. Para os sujeitos, a partir do momento em que se inicia o namoro, fica entendido que haverá exclusividade amorosa e sexual, ainda que isso seja descumprido posteriormente.

“Normalmente é implícito, né? Quando você começa a namorar uma pessoa, normalmente é implícito, né? Mas... é... hoje em dia nas relações tem muitas pessoas que falam “isso pode”, “isso não”. Então, né, algumas relações você

acaba deixando explícito, mas na maioria, pelo menos nas minhas, é implícito essa questão da fidelidade. (...) Nunca aconteceu de eu conversar diretamente sobre isso. Sempre já foi uma coisa meio que pré-estabelecida.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

“Acho que fica implícito. Acho que não, tipo, sei lá, acho que se você ta namorando é implícito que você não vai ficar com outra pessoa. Acho que é uma coisa implícita. Nunca conversei tipo ‘ah, agora você ta namorando, agora você não pode ficar com ninguém’, não! Acho que se você ta pedindo a pessoa em namoro, já ta implícito que você quer ficar só com ela, e não quer ficar com outra pessoa. Não sei, acho que isso é uma coisa implícita, não tem que ser conversada, assim. (...) Acho que é implícito, se você ta com a pessoa, você tem que ser fiel a ela. Pelo menos, isso é o que você fala, né. Não que isso aconteça, porque isso pode não acontecer, mas pelo menos, eu... isso ta implícito no namoro, eu acho. A intenção inicial é essa, pode ter um desvio de percurso (risos), mas você começa com essa intenção.” (Julie, 24 anos, não está namorando)

“É implícito. Não, em algum momento eu já falei com ela. Mas não tem nada combinado, eu não usaria essa palavra. (...) Acho que combinado é quando você realmente fica reiterando aquilo, sabe, ratificando. É, pode botar entre aspas combinado que tem um acordo, implícito, mas não tem nada assim: ‘po, combinamos que não vamos trair’. Fica sugestionado. E sei que ela também não quer trair. Pode ser que traia, não sei se ela viria falar comigo, mas eu acho que eu falaria.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada).

O contrato realizado pelo casal diz respeito aos deveres e direitos de cada um, levando em consideração todos os aspectos da relação. Groisman (2013) afirma que, geralmente, os contratos estabelecidos entre os parceiros que iniciam uma relação amorosa estável ficam mais implícitos do que explícitos, e que quanto mais implícitos forem, mais chances de serem descumpridos. A terapia de casal é uma possibilidade de revelar os contratos implícitos e elaborar contratos explícitos da relação. De acordo com Almeida e Rodrigues (2008), isso se torna extremamente importante para o casal, pois é comum que o contrato não seja compreendido da mesma forma por ambas as partes. No entanto, ainda que seja compreendido, um dos envolvidos pode romper o acordo realizado anteriormente.

A possibilidade de perdoar uma traição

Quando questionados sobre *a possibilidade de perdoar uma traição*, a maioria dos sujeitos relata que esta é uma questão difícil de lidar. Muitos ressaltam que, para saber se perdoariam ou não o parceiro, dependeria bastante do contexto em que a traição aconteça e do sentimento que têm pela pessoa que traiu.

“Olha, isso é muito difícil... isso é muito difícil... Eu acho que depende de tipo, depende de muita coisa, muita coisa. Depende do tipo, acho que do jeito que foi, da maneira que foi, do tamanho do sentimento que você tem por aquela pessoa, sabe? É... eu acho muito complicado, assim...” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“Eu acho que cada caso é um caso, sabe. Não dá pra dizer ‘ah, eu perdoaria com certeza’, ‘ah, eu não perdoaria’. Porque tem também a relação, a sua relação com a pessoa no momento, sabe? De repente não tá tudo bem.” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

“Não sei, não sei... acho que só acontecendo pra ver.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

“Porque tem casos e casos né. Você falar da traição, tem gente que trai e você acaba perdendo. Mas é que depende da situação também, do que foi na verdade; tipo, se tinha sentimento, se ‘ah, tava bêbado, foi sem querer’, sei lá, alguma coisa assim desse tipo.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

Groisman (2013) define o perdão como uma atitude de uma pessoa em relação à outra que lhe infringiu uma lesão emocional ou física, de intensidade variada. De acordo com o autor, a infidelidade e a forma de lidar com ela, perdendo ou não o parceiro, estão intimamente relacionadas à herança familiar, ou seja, à influência que cada sujeito recebe de seus pais, avós, bisavós e assim sucessivamente. Portanto, o passado familiar se atualiza no presente, influenciando diretamente o comportamento nas relações atuais do indivíduo.

Segundo Pinheiro, Jordão e Martins (1998), o perdão é um tema que remete ao universo religioso, mas que ultrapassa a lógica da reparação e possui uma afinidade com o trabalho analítico. Para os autores, perdoar não significa necessariamente reconciliar com o outro, nem mesmo esquecer o ocorrido, mas implica em se desobrigar a permanecer em determinada posição diante de uma situação. Perdoar inclui reconhecer o próprio desamparo e também o do outro.

Alguns sujeitos acreditam que romperiam a relação, caso houvesse traição por parte do parceiro. Dentre eles, um rapaz afirma que não continuaria na relação, ainda que tivesse sido ele quem traiu a namorada.

“Não, não levaria adiante a relação. Nem se fosse comigo, eu traindo, ou ela traindo. Eu acho que não tem justificativa. É, não dá pra manter a relação, porque acaba, acaba. Eu acho que é tipo um vidro, é um espelho, não dá pra remendar,

sabe. Você faz outro, mas não fica igual ao que era.” (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Eu acho que eu terminaria. Eu, eu terminaria com a pessoa porque ela foi infiel a mim. É aquela coisa, eu pensei ‘pô, meu deus! Eu me entrego, né, eu dou toda a minha confiança...’.” (Camila, 23 anos, namora à distância)

“E acho que eu não aceitaria de volta uma pessoa que me traísse. Eu acho que não manteria o relacionamento.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Groisman (2013) afirma que o ato da infidelidade é imperdoável, por permanecer marcado na memória de quem foi traído. Já a pessoa que foi infiel, esta sim pode ser perdoada, e a possibilidade do perdão dependerá de a pessoa que foi traída optar por continuar ou não na relação. Goldenberg (2010) revela que os homens que já foram infiéis se arrependem da traição e não acreditam que irão trair novamente, pois consideram a infidelidade uma situação inesperada e indesejada. Eles entendem que a infidelidade é um “acidente de percurso” que deve ser corrigido, seja reestruturando ou rompendo a relação. Para Groisman (2013), o perdão pode ser unilateral, de caráter intrapessoal, ou seja, consigo mesmo e sem a presença do outro, ou pode ser bilateral, de caráter interpessoal, entre quem traiu e quem foi traído. O perdão unilateral ocorre quando a pessoa traída não deseja se reconciliar ou manter o relacionamento, já o bilateral ocorre quando a pessoa que traiu se arrepende e a que foi traída deseja manter ou retomar o relacionamento.

Alguns sujeitos afirmam que perdoariam uma traição. Um dos rapazes que já foi infiel com a menina com quem ficava afirma já ter sido perdoado por ela. Apesar disso, nem todos acreditam ser possível dar continuidade à relação, e mesmo quando a relação continua após a traição, pode ser “um peso” para ambos.

“Eu acho que... infidelidade pode ser tolerável, mas pode não ser. Eu já tive a experiência de que não foi, né? É. Foi isso que... um peso grande pra gente continuar depois disso. É... mas eu acho que dá, também dá pra tolerar. Eu acho que dá pra... sei lá... imagino que dê, né? Sei lá, se você gosta daquela pessoa e quer continuar com ela, você passa por cima disso. Aconteceu, sei lá, um descuido, alguma coisa...” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Aí ela me deu um tempo também, ficou tipo um mês assim, menos de um mês sem falar comigo. Mas aí depois eu fui atrás dela e ela meio que perdoou, entendeu? (...) Pra mim, tipo, dá pra aceitar quando você ta um pouco bêbado e dá um beijo.” (Danilo, 19 anos, só ficou sério, nunca namorou)

“Perdoar pode ser, mas continuar junto eu acho que não. Mas isso quando você tá ali e é com você é muito mais difícil de você manter essa posição.” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Dentre os que cogitam o perdão ao parceiro que foi infiel, uma diz que prefere não ter certeza se o namorado a traiu, pois se tivesse certeza, não saberia que atitude tomar em relação à traição.

“Se fosse realmente, não sei como eu agiria... Até porque o meu namorado, eu não tenho certeza, mas eu acho que foi muito provável de ter acontecido e eu perdoei, perdoei. Não tenho certeza, mas acho até mais fácil, porque se ele me dissesse que sim, eu não saberia como agir. Que aí teria a obrigação daquela coisa assim ‘cara, tá, eu sei, então é verdade, o que eu faço?’” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

Para que seja possível resolver o evento da infidelidade e dar continuidade à relação, Groisman (2013) sugere alguns passos necessários, dentre eles, o reconhecimento, por parte de quem foi infiel, de que infringiu um acordo explícito ou implícito da relação. Outro passo importante é a pessoa que sofreu a traição aceitar a explicação e o interesse do parceiro em retomar o relacionamento de uma forma diferente. Além disso, é necessário haver arrependimento do ato da infidelidade, para que a relação possa continuar.

Os sentimentos ao falar sobre o tema

Ao responderem sobre *os sentimentos ao falar sobre o tema*, alguns entrevistados relataram que foi bom partilhar suas opiniões e vivências relacionadas à fidelidade e infidelidade, e que abordar o assunto não é um problema para eles.

“Ah, foi bom partilhar com outra pessoa o que eu penso a respeito das relações nos dias de hoje. E, é isso. Não acho que estou certo, é só minha opinião mesmo a respeito desse tema.” (Leo, 23 anos, nunca namorou)

“Ah, foi tranquilo, eu sempre fui muito aberto com as minhas opiniões, minhas ideias. Não tenho problema nenhum em falar.” [risos] (João, 22 anos, namora há 5 meses - 1ª namorada)

“Mas, assim, falar desse tema pra mim é uma, uma coisa que eu gosto, até porque, como eu falei, relacionamento hoje em dia tá difícil, não existe. Eu acho um tema super interessante.” (Luiza, 21 anos, namora há 5 anos)

Dentre eles, uma entrevistada ressaltou o quanto acha importante conversar a respeito desse assunto, pois entende que através do diálogo é possível esclarecer questões e desmistificar o tabu, geralmente envolvido na temática.

“Não tenho problema, não... Eu acho que eu já conversei sobre isso com meu namorado... com o pessoal, com amigos... E acho que é um tema que precisa ser conversado, né? Que as pessoas têm muito tabu sobre ‘ah, não, não pode falar sobre traição’. Acho que quando você conversa, você acaba botando as cartas na mesa, né?” (Clara, 20 anos, namora há 1 ano e 9 meses)

Em contrapartida, tanto um rapaz, quanto uma moça compartilharam que foi difícil, em alguns momentos, falar sobre suas vivências de infidelidade. Isso porque passaram por situações recentes que envolveram a questão, que não estão, ainda, totalmente resolvidas para eles.

“É... assim... é um tema difícil pra mim de falar. Trouxe a minha ex-namorada aí de volta. E também é um pouco disso pra mim que é difícil, essa história pra mim ainda não tá esquecida, saca? E, e armazenada no resto das experiências, sabe? Ela tá ali um pouco, ah, sabe ferida fechando, né?” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Passa meio que um filminho assim de tudo, né? Eu choro por tudo, então... E eu to de TPM, então... Mas... eu fiquei triste em algumas horas, mas...” (Ane, 18 anos, namora há 2 anos)

Blow e Hartnett (2005) salientam que são realizadas poucas pesquisas sobre o tema da infidelidade, e que o principal motivo é por este ser um assunto difícil de ser abordado e que pode fazer com que as pessoas se lembrem de decepções e danos causados em suas vidas. É possível compreender a marca dessas decepções nas vidas dos sujeitos com o conceito de situação inacabada, que dizem respeito a eventos que ocorreram no passado, mas que permanecem presentes, por alguma impossibilidade de serem fechadas. Os sentimentos relacionados à situação inacabada voltam com bastante intensidade, como uma tentativa de serem resolvidas ou completadas. Dessa forma, a situação inacabada é toda experiência que permanece suspensa, até que seja resolvida (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Dois rapazes se sentiram “travados” e com vergonha no início da entrevista, mas conforme foram respondendo às questões, se sentiram mais à vontade.

“Acho que com o tempo que a gente tá aqui falando... Que aí também tinha aquele fato de que... antes eu não te conhecia completamente, né, ainda tem essa. E também o... é isso, não saber o que é que vai acontecer... É isso! Me deu, no início, me deu uma de eu me sentir travado, mais do que agora.” (Felipe, 24 anos, não está namorando)

“Foi interessante porque eu fiquei um pouco com vergonha no início, mas ao mesmo tempo, quanto mais eu falava, me sentia um pouco mais solto, mais livre... menos, é... uma intimidade, talvez, forçada com você [risos] Foi ótimo! Pra quê..., pra quê me conter? Foi ótimo!” (Ian, 25 anos, nunca namorou)

5. Considerações finais

O tema da fidelidade/ infidelidade pode ser considerado ainda um tabu em nossa sociedade. Este assunto é envolvido por fantasias, segredos, mentiras e sofrimento, o que, muitas vezes, dificulta os sujeitos de dialogarem aberta e livremente sobre o mesmo. Ainda que seja um tabu e, portanto, um tema pouco falado, os jovens entrevistados compartilharam abertamente as suas vivências relacionadas à fidelidade e à infidelidade. Os participantes desta pesquisa deram suas opiniões sobre casos de relacionamentos extraconjugais tanto de amigos, familiares e conhecidos, quanto de suas próprias experiências com o tema, descrevendo relações em que foram fiéis e/ ou infiéis, e também situações em que foram traídos. Portanto, para a maior parte dos jovens, é possível abordar a temática da fidelidade nas relações amorosas de forma aprofundada, ainda que isso possa trazer à tona sentimentos difíceis.

Foi constatado que as diferentes formas de os jovens se relacionarem estão intimamente ligadas às transformações sociais a que a família e o casamento vêm passando. O atual contexto social, marcado pelo individualismo e consumismo, estimula que os jovens busquem sua autonomia, liberdade e individualidade, mantendo os vínculos frouxos, na tentativa de garantir a experimentação de novas vivências. Porém, estes valores convivem com a busca por vínculos duradouros que possam trazer a sensação de segurança e de estabilidade. Dessa forma, é possível afirmar que as relações amorosas na contemporaneidade e, em especial, a fidelidade são temas ambíguos, repletos de diversos paradoxos.

Apesar das diversas transformações sociais, a fidelidade continua sendo um aspecto fundamental dos relacionamentos, e os sujeitos esperam que seus parceiros sejam fiéis. A partir da pesquisa de campo, foi constatado que a fidelidade deve ser definida levando em consideração não somente a exclusividade sexual, mas também outros aspectos. Foi visto que uma pessoa é reconhecida como fiel quando é transparente, honesta e sincera com seu parceiro. Para os jovens, a transparência e a sinceridade são valorizadas, mesmo quando um dos parceiros tenha vivido ligações extraconjugais. Cabe lembrar que considerar o

outro fiel pelo fato de o mesmo falar a verdade, não necessariamente indica a continuidade da relação.

O discurso dos jovens traz uma noção diferenciada quanto à infidelidade, pois consideram que não existe somente a infidelidade em relação ao outro, mas também há a infidelidade consigo mesmo. Já a concepção de fidelidade está relacionada ao fato de o sujeito manter os acordos preestabelecidos com o parceiro. Conforme analisado, o ponto fundamental é que, muitas vezes, os acordos não ficam claros para os membros do casal, podendo levar à quebra do contrato.

A fidelidade é um dos aspectos que trazem maiores dificuldades nas relações amorosas contemporâneas. Portanto, é esperado que este trabalho possa contribuir para um maior esclarecimento sobre a temática da fidelidade nas relações amorosas entre jovens adultos heterossexuais. É importante que os estudos relativos a esta temática continuem sendo realizados, possibilitando um suporte à clínica individual, de casal e de família.

6.

Referências Bibliográficas

AFONSO, C. M. C. G.; MOREIRA, J. M. **Estilo de vinculação e relações extra-diádicas**: satisfação relacional e atitudes como mediadores. Lisboa, 2011. Dissertação. Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa.

ALBUQUERQUE, N. P. **Amizade, fidelidade e amor**: reflexões em torno do bem-estar na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia e Política, PUC-Rio, 2009.

ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F (org). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ALMEIDA, T. O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 29, n. 4, p. 489-498, out/ dez, 2012.

ALMEIDA, T., & RODRIGUES, K. R. B. Mitos da infidelidade. **Psique**, v. 33, p. 70-79, 2008.

ALMEIDA, T., & RODRIGUES, K. R. B., & Silva, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008.

ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. M. A. **Noites Nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mito ironias da era do virtual e da imagem. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1929.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BÉJIN, A. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. Em P. Ariès & A. Béjin (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 183-193.

BERTOLDO, R. B.; BARBARÁ, A. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico-USF**, v. 11, n. 2, p. 229-237, jul./dez, 2006.

BLOW, A. e HARTNETT, K. Infidelity in committed relationships: A methodological review. **Journal of Marital and Family Therapy**, v.31, n.2, 2005, p. 183-216.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 20, 2003, p. 131-156.

CHAVES, J. C. **“Ficar com” a individualização: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993.

_____. **Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.

CHAVES, J. C. **“Ficar com”**: um novo código entre os jovens. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

COLAÇO, L. I. F. S. **Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância**. Lisboa, 2009. Dissertação. Universidade de Lisboa.

COSTA, G. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, M. **A construção do casal contemporâneo**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

DINIZ NETO, O., Féres-Carneiro, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, 2005, p. 133-141.

DONNAMARIA, F. R. M.; NASCIMENTO e TERZIS, T. Vínculos conjugais na contemporaneidade: revisitando parâmetros definitórios. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 1, n. 7, 2010, p. 01-11.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, 1998, p. 379-394.

_____. Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1999, p. 96-117.

_____, ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. In Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 83-107.

_____, ZIVIANI, C., MAGALHÃES, A. S. Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 43-59.

FERREIRA, M.; ADELMANN, M. **O sentimento amoroso na vida de mulheres solteiras**. UFPR.

FOLHA DE SÃO PAULO. Família Brasileira – Retrato Falado. Caderno Especial, out, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLAGHER, I. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. **“Geração canguru”: entre o conforto e o desamparo**. Rio de Janeiro, 2013. p. 92. Dissertação. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 1, n. 1, 2001, p. 89-104.

_____. Ciúme e traição: reflexões antropológicas. **Leituras compartilhadas**: ciúme, a leitura de um grande tema, ano 4, fascículo 12, v.1, n.5, 2004, p. 6-7.

_____. **Infel: notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A outra: a amante do homem casado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

_____. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

_____. **Amor, casamento e fidelidade na cultura brasileira**. Pará: GEPEM, 2013.

GOMES, P. B. Separação: contingência do casamento? In: PORCHAT, I. (Org.). **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 127-144.

GROISMAN, M. A Arte de perdoar: terapia sistêmica breve no casamento e na infidelidade. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas, 2013.

HAACK, K. R.; FALCKE, D. Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, 2013, v.19, n.2, p. 305-327.

HEILBORN, M. L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 14, n.1, 2006, p. 43-59.

HENRIQUES, C. R. **“Geração Canguru”**: o prolongamento da convivência familiar. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

HITE, S. **Women and love**. London: Viking, 1998.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1998.

_____. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: EDPUC/ Loyolla, 2003, p. 141-168.

_____. Atitudes de jovens solteiros frente à família e o casamento: novas tendências. In Féres-Carneiro, T. (Org.). **Família e casal – efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 93-110.

_____. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudo. In Féres-Carneiro, T. (Org.) **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 109-134.

_____. O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 27-42.

KIPNIS, L. **Against love: a polemic**. New York: Pantheon Books, 2003.

LEVY, L. O casal contemporâneo e o dilema da monogamia. In Gomes, I. C.; Fernandes, I. A.; Levinsky, R. B. (Org.). **Diálogo Psicanalítico sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 153-160.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. S.P., Barueri: Manole, 2005.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação*, Curitiba, v. 22, n.1, p. 133-141, 2005.

MITCHELL, S. *Can love last?: the fate of romance over time*. New York: Northon, 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade Cultural, separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**. v.17, n.2, mai/ago.2005, p. 50-57.

PARKER, R. G. *Corpos, Prazeres e Paixões – A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEDROZO, T. L. Encontros e desencontros nas relações amorosas. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Porto Alegre**, v.9, n1, 2007, p.253-264.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PINHEIRO, T.; JORDÃO, A. & MARTINS, K. (1998). A certeza de si e o ato de perdoar. **Cadernos de Psicanálise - SPCRJ**, 14(17), 160-175.

PITTMAN, F. **Private lies: infidelity and the betrayal of intimacy**. New York: Norton, Press, 1994.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **A Psicanálise do casal**. São Paulo: Artes Médicas, 1993.

REICH, W.; ALZON, C. **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** São Paulo: textos exemplares.

RODRIGUES, A., ASSMAR, E. M. L. & JABLONSKI, B. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: GOMES, P. B. **Vínculos amorosos contemporâneos**. São Paulo: Callis, 2003. p. 77-108.

SINGLY, F. **Sociologia da Família Contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SOCCL, V. (1983). **Atitudes em relação ao sexo, amor e casamento: raízes históricas**. In *Elaboração e validação de uma escala de atitude em relação ao sexo*. Tese de Doutorado, USP.

WHITTY, M. T. Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes towards online and offline infidelity. **CyberPsychology & Behavior**, v.6, n.6, 2003, p. 569-579.

WILLI, J. A construção diádica da realidade. In **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995, p. 38-46.

ZORDAN, E. P. & WAGNER, A. Projetos vitais de adultos jovens solteiros: uma reflexão sobre o lugar do casamento. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, dez., 2009.

ZORDAN, E. L., FALCKE, D. e WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.

ANEXO I

Termo de consentimento livre e esclarecido (em duas vias)

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Título da pesquisa: Faça o que eu digo, não faça o que eu faço: um estudo sobre a fidelidade conjugal
Pesquisadora: Jacqueline Victoriense de Andrade Cunha
E-mail: jacvic@gmail.com **Telefone:** (21) 99978-5593
Orientadora: Professora Terezinha Féres-Carneiro
E-mail: teferca@puc-rio.br **Telefone:** (21) 2541-6882

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, através da qual pretendemos compreender melhor algumas questões relativas às relações amorosas na atualidade. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como jovens adultos solteiros concebem e vivenciam a fidelidade em seus relacionamentos amorosos.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. A participação nesta pesquisa não lhe causará nenhum tipo de dano.

Com a sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre os relacionamentos amorosos e a questão da fidelidade hoje. Assinando este formulário em duas vias - uma ficará com o (a) entrevistado (a) e a outra com a pesquisadora - você autoriza a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada a sua identidade e a do seu (sua) parceiro (a).

Eu, _____, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do entrevistado

Assinatura da pesquisadora
Jacqueline Victoriense

Rio de Janeiro, ____/____/____

ANEXO II

Roteiro oculto

Coisas que considera mais importantes na relação amorosa

Dificuldades encontradas nos relacionamentos amorosos

Importância da fidelidade

Significado/ definição de fidelidade

Significado/ definição de traição

Possíveis diferenças entre infidelidade sexual e infidelidade amorosa

Possíveis diferenças entre homens e mulheres

Motivos que levam à infidelidade

Casos ou vivências de infidelidade

Como lida com a infidelidade

Expectativas quanto à fidelidade do parceiro

Acordos explícitos/ implícitos

Sentimentos relacionados ao tema